



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA**  
**INGLESA**

**ELIELMA LARANJEIRA**

**O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE SINAIS CASEIROS NO PERÍODO DE 2003**  
**A 2017: UM MAPEAMENTO DAS DISSERTAÇÕES E TESES NO BANCO DE**  
**DADOS DA CAPES**

Amargosa-BA  
2019

**ELIELMA LARANJEIRA**

**O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE SINAIS CASEIROS NO PERÍODO DE 2003  
A 2017: UM MAPEAMENTO DAS DISSERTAÇÕES E TESES NO BANCO DE  
DADOS DA CAPES**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como exigência para obtenção do diploma de licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Libras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Me. Emmanuelle Félix dos Santos

Amargosa-BA  
2019

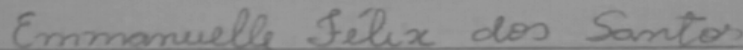
ELIELMA LARANJEIRA

O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE SINAIS CASEIROS NO PERÍODO DE 2003  
A 2017: UM MAPEAMENTO DAS DISSERTAÇÕES E TESES NO BANCO DE  
DADOS DA CAPES

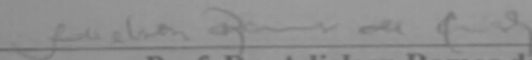
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras: Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Aprovada em 25 / 02 / 2019

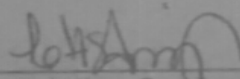
Banca Examinadora



Prof. Ma. Emmanuelle Félix dos Santos – Orientadora  
UFRB



Prof. Dr. Adielson Ramos de Cristo  
UFRB



Prof. Especialista Louise Henrique Santana dos Anjos  
SEEB.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por ser tão maravilhoso na minha vida.

A minha orientadora, professora Emmanuelle Félix dos Santos, por acreditar e confiar em mim, pelos ensinamentos e pela paciência diária.

Aos meus pais Elizangela Laranjeira e Juvenal de Jesus Santos. Aos meus irmãos e a toda minha família.

Grata pelas minhas pequenas e alegres afilhadas, Rhiana e Tauna, as minhas grandes e divertidas sobrinhas, Beatriz e Cinara e, ao pequeno Henrique Pietro. Vocês são a esperança e futuro da família Laranjeira.

Agradeço ao companheirismo de André Luis Santos Silva.

Aos meus amigos que contribuíram direta e indiretamente nessa jornada, em especial às amigas Marivan e Daiana.

Aos meus colegas da UFRB que me incentivaram durante este percurso, em especial aos colegas-amigos Carlos e Petronilio.

O apoio, carinho e amizade dos professores que estiveram comigo durante o meu amadurecimento acadêmico.

A todos que estiveram me apoiando nesta trajetória.

**A Deus, pois sem a presença dele na minha vida nada seria possível.**

LARANJEIRA, Elielma. **O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE SINAIS CASEIROS NO PERÍODO DE 2003 A 2017: UM MAPEAMENTO DAS DISSERTAÇÕES E TESES NO BANCO DE DADOS DA CAPES.** Orientadora: Emmanuelle Félix dos Santos. Amargosa, 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

## **RESUMO**

Este trabalho se institui em uma pesquisa de mapeamento com o tema sinais caseiros e objetivou analisar os estudos sobre sinais caseiros desenvolvidos após o reconhecimento linguístico da Língua Brasileira de Sinais, publicados no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no período de 2003 a 2017. Entende-se por sinais caseiros a comunicação gestual emergente estabelecida entre pessoas surdas não usuárias da Língua Brasileira de Sinais-Libras e seus respectivos familiares ouvintes. Em relação à metodologia desenvolveu em uma abordagem qualitativa, tomando como base a pesquisa bibliográfica “Estado da Arte” que tem o caráter de mapear e analisar certa produção acadêmica. As bases teóricas que embasaram a pesquisa foram: Strobel (2008), Gesser (2006), Dalcin (2006), Rosa, Goes e Karnopp (2004), Santana (2007), Goldfeld (2002), Kumada (2012), Vilhalva (2009) entre outras. No portal da CAPES foi realizada a busca pelo assunto “sinais caseiros” com a opção de dissertações e teses no período de 2003 até 2017. Foram encontradas 4 (quatro) dissertações relacionadas ao objeto de estudo. Esses estudos evidenciaram que a Libras, língua oficial das comunidades surdas brasileiras, ainda não é conhecida em todas as esferas da sociedade e que é imprescindível dar sentido aos sinais caseiros, sem menosprezá-los, visto que, apesar de restrito e de utilização informal, a comunicação caseira tem sua funcionalidade, seja dentro do meio familiar ou dentro da comunidade. Por fim, ressaltamos a necessidade de estudar, pesquisar e aprofundar mais sobre sinais caseiros, pois é evidente que há uma carência na área.

**Palavras-chave:** Sinais Caseiros; Libras; Comunicação; Capes.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01:</b> Demonstrativo de pesquisas tendo como busca as palavras sinais caseiros.....	15
<b>Figura 02:</b> Demonstrativo da pesquisa com uso do recurso, refinar minha pesquisa.....	16
<b>Figura 03:</b> Tabela do Quantitativo de teses registrada no Banco de Dados da Capes: (2003-2017).....	17
<b>Figura 04:</b> Tabela do quantitativo de dissertações registrado no Banco de dados da Capes: (2003-2017).....	17
<b>Figura 05:</b> Gráfico da Frequência de pesquisas sobre “sinais caseiros” realizadas no Banco de dados da Capes durante o período de 2003 a 2017.....	18

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LS – Língua de Sinais

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
1.1 <i>Estado da Arte: Caminho metodológico da pesquisa.....</i>	11
1.2 <i>Trajatória da Pesquisa.....</i>	14
<b>2. UM ESTUDO SOBRE SINAIS CASEIROS.....</b>	<b>20</b>
2.1 <i>O filho desejado (A língua desejada).....</i>	20
2.2 <i>O percurso histórico no que concerne a representação dos “sinais caseiros”.....</i>	22
2.3 <i>Terminologias sobre sinais caseiros.....</i>	24
<b>3. CONHECENDO AS PESQUISAS/RESULTADOS DA BUSCA DO PORTAL DA CAPES.....</b>	<b>35</b>
3.1 <i>As dissertações.....</i>	35
3.2 <i>Análises das pesquisas.....</i>	36
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>





## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se constitui em uma pesquisa de mapeamento sobre o tema "sinais caseiros". Entende-se por sinais caseiros a comunicação gestual emergente estabelecida entre pessoas surdas não usuárias da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e seus respectivos familiares ouvintes.

Na necessidade de comunicação, uma criança, seja ela ouvinte ou surda, precisa de uma participação ativa em uma comunidade linguística, ou seja, pessoas que falem a mesma língua. Contudo, muitos surdos, devido ao grau de privação auditiva, não conseguem desenvolver a modalidade oral da língua de seus familiares e, por consequência desenvolvem, naturalmente, sinais gestuais para estabelecer a comunicação. Estes sinais, por vezes, se tornam conhecidos no interior da família e acabam estabelecendo a primeira função da linguagem: a comunicação.

Vygotsky (2009 [1934] *apud* SANTOS, 2015, p. 51) “destaca que a função primária da linguagem é a comunicação, ou seja, interação social, e que, neste processo relacional, a linguagem atua sobre e nos circundantes. [...] na comunicação, o indivíduo organiza, planeja e regula o pensamento”. Portanto, a linguagem surge na vida das pessoas como necessidade vital, de sobrevivência.

O tempo todo estamos tentando estabelecer contato com as pessoas, seja por meio da fala, seja por meio da escrita, seja por meios de sinais ou gestos. É uma necessidade humana a fim de atender a comunicação imediata. Essa influência mútua com o outro advém antes mesmo de aprendermos nossa língua materna através de expressões faciais e até mesmo de sons incompreensíveis, nos lançamos à incrível arte da comunicação.

O processo de comunicação dos ouvintes se diferencia dos surdos, pois as línguas orais têm como canal emissor da comunicação a voz, através da fala, e como canal receptor da comunicação os ouvidos, através da audição. Já “as Línguas de Sinais têm como canal emissor da comunicação as mãos, através dos sinais, e como canal receptor da comunicação os olhos, através da visão” (OLIVEIRA: SILVA, 2014, p. 5). “A modalidade sinalizada é independente, ela apenas se utiliza do espaço e das mãos para se expressar (*input*) e dos olhos para absorver a informação (*output*), o que pode ocasionar uma diferença crucial em sua organização” (SANTOS, 2015, p. 69). Muitos surdos utilizam a Libras como meio primordial de apreensão do mundo. Desta forma, os surdos se diferenciam dos ouvintes por terem como input o campo visual e não a modalidade oral-auditiva.

Surdos que não conhecem a Libras, geralmente, acabam por utilizar sinais caseiros como meio de comunicação, ou seja, privilegiam o input visual e gestual em sua

comunicação. Contudo, ainda que membros da família utilizem sinais caseiros para comunicação com os surdos, o núcleo familiar ainda mantém a língua oral como principal e, mecanismo de comunicação, se restringindo a utilização de sinais para as necessidades básicas dos surdos.

Conforme Quadros e Pizzio (2011) esse contexto abrange a maioria dos surdos brasileiros, uma vez que em torno de 95% das crianças surdas estão em famílias ouvintes, conseqüentemente, o acesso a Libras ocorre, às vezes, tardiamente por desconheço dessa língua. Além dessa problemática, é pertinente destacar que a ausência da Libras na vida dos surdos brasileiros decorre do processo histórico dessa língua que teve seu acesso e difusão impedido durante um século resultado da determinação do congresso de Milão<sup>1</sup>, em 1880, que proibiu sua utilização em qualquer espaço público. O Brasil que na época já havia iniciado um trabalho com os surdos utilizando a Língua de Sinais, ainda assim aderiu a esta determinação e, teve seu reconhecimento linguístico apenas no ano de 2002, através da Lei nº 10.436.

Portanto, a língua sinalizada do Brasil era desconhecida por muitos surdos brasileiros durante séculos aliás, podemos ousar em afirmar que a Libras ainda permanece desconhecida por muitos surdos e sociedade geral. No lugar do ensino da língua sinalizada tivemos a imposição da leitura labial e da oralização.

Apesar da relevância inquestionável da importância da linguagem para os seres humanos, a possibilidade de construção da mesma para os surdos tem sido secularmente negada. A ideologia oralista impõe, desde o Congresso de Milão de 1880, quando se proibiu o uso da Língua de Sinais, banindo-a das escolas, a oralização dos surdos. Sendo que, atualmente, apesar do amparo legal da nova legislação, que reconhece Libras como a língua natural das pessoas surdas brasileiras, na maioria dos espaços escolares ainda continua sendo negligenciada (WITKOSKI; BAIBICH-FARIA, 2010, p. 339).

Desta forma, com privação da língua de sinais e imposição do oralismo; o não conhecimento da Libras por alguns familiares e surdos ainda é uma realidade. Apesar dos aparatos legais, poucas são as ações empreendidas com os surdos que não conhecem a Língua Brasileira de Sinais.

Conseqüentemente, por não ter acesso desde criança a Libras, durante os primeiros anos de vida os surdos buscam meios para comunica-se e interagir, recorrendo a gestos e sinais realizados apenas no ambiente familiar, em que o domínio dela também se restringe a pouco número de pessoas, dificultando, assim, sua convivência em outros ambientes. Então,

---

<sup>1</sup>“O objetivo foi discutir a educação de surdos e analisar as vantagens e os inconvenientes do internato, o período necessário para educação formal, o número de alunos por salas e, principalmente, como os surdos deveriam ser ensinados, por meio da linguagem oral ou gestual” (SILVA, 2006, p. 26).

conforme pontuamos anteriormente, “é comum que, na emergência de se comunicar com a criança surda, familiares e profissionais ouvintes desenvolvam sinais caseiros, estes sinais podem ou não ser substituídos no futuro pelos sinais formais da LIBRAS” (GESSER, 2006, p. 27).

Nesse sentido, o interesse de pesquisar e estudar o tema partiu de um desejo pessoal de compreender como se dá a comunicação e como autores trata sobre os sinais caseiros utilizados pelas pessoas surdas que não tiveram contato com a Língua Brasileira de Sinais. Para além, tal motivação advém da participação do grupo de pesquisa Análise e Aprendizagem da Línguas de Sinais -AnAliSi ministrado pela professora e orientadora deste estudo, a qual, iniciou uma inquietação e indagação sobre sinais caseiros a partir do contexto linguístico de alguns surdos de Amargosa-BAHIA. Então, a partir do desafio de aprofundar mais sobre este tema, lançado pela mesma pode pensar um pouco mais sobre este assunto que é pouco pesquisado.

Outro motivo importante é o de estarmos colaborando com a construção de uma visibilidade na área e permitir novas pesquisas nesse campo de estudo e conhecimento, uma vez que há escassez de livros que trate e aprofunde sobre sinais caseiros. Desta forma, com as novas produções deste grupo de pesquisa com diferentes vieses e visões permitirá aos futuros pesquisadores um novo olhar na área da surdez.

Portanto, são várias as proposições de trabalhos sobre sinais caseiros, mas neste trabalho nos debruçaremos sobre a seguinte questão: Quais as perspectivas das pesquisas desenvolvidas sobre sinais caseiros após o reconhecimento linguístico da Língua Brasileira de Sinais?

No intuito de responder a tal questionamento este estudo objetivou analisar as pesquisas desenvolvidas sobre sinais caseiros após o reconhecimento linguístico da Língua Brasileira de Sinais, publicados no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Para tanto, propomos mapear os estudos sobre sinais caseiros desenvolvido após a lei da Libras (No banco de dados da CAPES), identificar nos estudos os termos atribuído aos sinais caseiros e, analisar nas pesquisas desenvolvidas a partir de 2003 -2017 a terminologia, conceito e sentido atribuído aos sinais utilizados por surdos não usuários da Libras.

Assim, apresentaremos uma abordagem acerca desta temática através do mapeamento de pesquisas no banco da CAPES sobre sinais caseiros do período de 2003 a 2017 denominadas de “Estado da Arte”. O período de publicações justifica-se pelo fato do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais ter ocorrido apenas em 2002, quando o

presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, sancionou a Lei nº 10.462, conhecida como a Lei da Libras, oficializando a Língua Brasileira de Sinais como língua oficial e principal meio comunicativo dos surdos do Brasil e, em seguida, em 2005, na gestão do presidente Luís Inácio Lula da Silva, ter sancionado o decreto de regulamentação da referida Lei – Decreto nº 5.626.

Esses dois fatos provocaram mudanças expressivas no uso e propagação da Libras e na abertura para investigações sobre essa língua, principalmente porque estes documentos legais instituíram a Língua de sinais como disciplina no Ensino Superior e a inclusão de cursos de licenciatura em Letras/Libras, provocando uma ampliação nas pesquisas sobre o tema.

Sendo assim, este estudo se desenvolveu uma abordagem qualitativa, tomando como base metodológica a pesquisa bibliográfica “Estado da Arte” ou “Estado do Conhecimento” que tem o caráter de mapear e analisar certa produção acadêmica. Esta abordagem em questão será sobre os conceitos de “Sinais caseiros” publicados no Banco de Dissertações e Teses da CAPES, no período de 2003 até 2017.

### **1.1 Estado da Arte: Caminho metodológico da pesquisa**

O estado da arte visa demonstrar a totalidade de estudos em áreas específicas, comprovando a relevância acadêmica dos trabalhos já realizados. Pois, organizam os resultados obtidos que possibilitam o levantamento e análise do que tem sido produzido em um determinado tempo, gerando indicações de novos caminhos para futuros pesquisadores. Desta forma, as produções na área de mapeamento no mundo e, em particular no Brasil, vêm evoluindo e, por essa razão, é cada vez mais oportuno o desenvolvimento de estudo de “estado da arte” ou “estado do conhecimento”.

Ferreira (2002) define as pesquisas “estado da arte” como aquelas que tentam responder aspectos e dimensões que vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e, em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e seminários. Portanto, são pesquisas de caráter bibliográfico e trazem em comum o desafio de mapear e discutir certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento.

Nesta mesma perspectiva, Soares (2000, p. 9) ressalta que:

As pesquisas de caráter bibliográfico, com o objetivo de inventariar e sistematizar a produção em determinada área do conhecimento (chamadas, usualmente, de pesquisas do “estado da arte”), são recentes, no Brasil, e são, sem dúvida, de grande importância, pois pesquisas desse tipo é que podem

conduzir à plena compreensão do estado atingido pelo conhecimento a respeito de determinado tema. Sua amplitude, tendências teóricas, vertentes metodológicas.

Dialogando com a autora acima, este novo tipo de investigação sem dúvidas pode conduzir uma nova concepção sobre o tema, além de enriquecer o conhecimento ao aprofundar sobre um determinado assunto. O trabalho sobre sinais caseiros possibilita um encontro com autores que abordam diferentes vieses na área, além de conduzir para algumas indagações no decorrer do mapeamento, sobre recortes que necessitam de um novo olhar mais cuidadoso.

Para Ferreira (2002), o que move estes novos pesquisadores é a sensação do não conhecimento em relação à totalidade de estudos em determinada área de conhecimento. Deste modo, os pesquisadores são sustentados e movidos pelo desafio de conhecer o já produzido para depois investigar o que ainda não foi feito, além de dar conta de determinado saber que cresce rapidamente e de divulgá-lo para a sociedade. Conforme Ferreira (2002), todos esses pesquisadores do estado da arte apresentam em comum a opção metodológica por se instituírem como pesquisas de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre determinado assunto.

Assim, os dados coletados nos estudos “estado da arte”, mostram a atenção que os pesquisadores dão ao assunto. Expõem que determinados temas são silenciados e poucos examinados e, a partir do estado da arte, passam a despertar interesse de outros estudos, ou seja, possibilita o desenvolvimento de novas pesquisas, um novo olhar sobre aspectos antes negligenciados em determinando tempo.

Para desencadear um dos processos de análise do estudo o pesquisador pode consultar os resumos disponíveis para o mapeamento, uma vez que os mesmos são incluídos “com a finalidade de divulgar com mais abrangência os trabalhos produzidos na esfera acadêmica” (FERREIRA, 2002, p. 262). Com intuito de divulgação, o resumo no mundo acadêmico tornou-se indispensáveis, pois facilita a seleção para um pesquisador.

Ferreira (2002) apresenta um questionamento: será possível traçar um estado da arte lendo apenas resumo? Para tal questão a autora apresenta dois momentos distintos para o pesquisador.

Conforme Ferreira (2002), o primeiro momento é quando o pesquisador interage com a produção acadêmica, com o objetivo de mapear essa produção em um período delimitado, como local, área de produção ou anos. Neste momento o pesquisador apresenta informações concretas encontradas nas indicações bibliográficas que reportam à pesquisa. De acordo com

a autora, no segundo momento o pesquisador “se pergunta sobre a possibilidade de inventariar essa produção, imaginando tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando trabalhos entre si, na escrita de uma história de uma determinada área do conhecimento” (FERREIRA, 2002, p. 265). Nesta condição busca-se responder, a “o quê” e “o como” dos trabalhos.

Apresentada as indagações, o pesquisador precisa partir para uma leitura na íntegra, pois, passa a enfrentar dificuldades, visto que apenas os resumos não lhe dão os detalhes textuais do todo. Há também a idealização de que o resumo não apresenta todos os dados necessários e, que os resumos localizados nos catálogos são incompletos, como também a ideia que possa estar fazendo uma leitura descuidada do resumo. Assim, Ferreira cita que:

Para essas dificuldades, alguns pesquisadores do “estado da arte” acabam tomando posições diversas: alguns lidam com um certa tranquilidade no mapeamento que se propõem a fazer da produção acadêmica a partir dos resumos publicados em catálogos das instituições, ignorando todas essas limitações que o próprio objeto oferece; outros optam por uma única fonte, por exemplo, os resumos encontrados na ANPED; e há ainda aqueles que, num primeiro momento, acessam as pesquisas através dos resumos e, em seguida, vão em busca dos trabalhos na íntegra (FERREIRA, 2002, p. 266).

Corroborando com o segundo momento apresentando pela autora, este trabalho teve acesso às pesquisas através dos resumos e, em seguida, a leitura dos trabalhos relacionados ao tema na íntegra. Uma vez que neste mapeamento buscaremos termos, conceitos e sentidos, dados para os sinais caseiros e, só com a leitura dos resumos não seria possível compreender estas categorias de análise.

Diante do que foi exposto, este estudo é de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa. Consideramos que seja de caráter bibliográfico, “pelo processo de constituição dos dados da pesquisa, que compreende o levantamento de teses e dissertações e a elaboração de fechamentos baseados nas leituras desse material selecionado” (PALANCH, 2016, p. 78). Conforme expõem, Fiorentini e Lorenzato (2006), o tipo de pesquisa estado da arte é uma

[...] modalidade dos estudos que se propõem a realizar análises históricas e/ou revisão de estudos ou processos tendo como material de análise documental escritos e /ou produções culturais garimpados a partir de arquivos ou acervos. Essa modalidade de estudos compreende tanto os estudos tipicamente históricos ou estudos analítico-descritiva de documentos ou produções culturais, quanto os do tipo “pesquisa do estado da-arte” (FIORENTINI; LORENZATO, 2006, p. 71)

E por fim consideramos esta pesquisa qualitativa por proporcionar

[...] análises profundas das experiências humanas no âmbito pessoal, familiar e cultural, de uma forma que não pode ser obtida com escalas de medida e modelos multivariados. (DAL-FARRA; LOPES, 2013, p. 71)

Apesar de contemplar dados quantitativos, em seus objetivos há uma predisposição por análise qualitativa das pesquisas. Pois, possui técnicas “associadas a métodos de campo envolvendo observações e entrevistas como dados qualitativos, combinados com estudos envolvendo dados quantitativos” (CRESWELL, 2007 *apud* DAL-FARRA; LOPES, 2013, p. 69-70)

## 1.2 Trajetória da Pesquisa

Um dos passos para se realizar uma pesquisa tipo Estado da Arte é o mapeamento de dados, daquilo que se deseja investigar, ou seja, o problema de pesquisa. Deste modo, essa pesquisa enveredou pelo seguinte problema: Quais as perspectivas das pesquisas desenvolvidas sobre sinais caseiros após o reconhecimento linguístico da Língua Brasileira de Sinais?

Assim, no intuito de compreender as pesquisas produzidas sobre sinais caseiros, selecionamos o Banco de Dados o site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por entender que essa plataforma aglutina teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país das diversas Instituições de Ensino Superior, visando uma amplitude no seu acervo. O que torna esta plataforma uma das mais completas fontes de pesquisa *on-line* nesse segmento.

De acordo com a CAPES, o objetivo do site é “facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações, a partir de 1987 e fornecidas diretamente a Capes pelos programas de pós-graduação, que se responsabilizam pela veracidade dos dados” (CAPES, 2018).

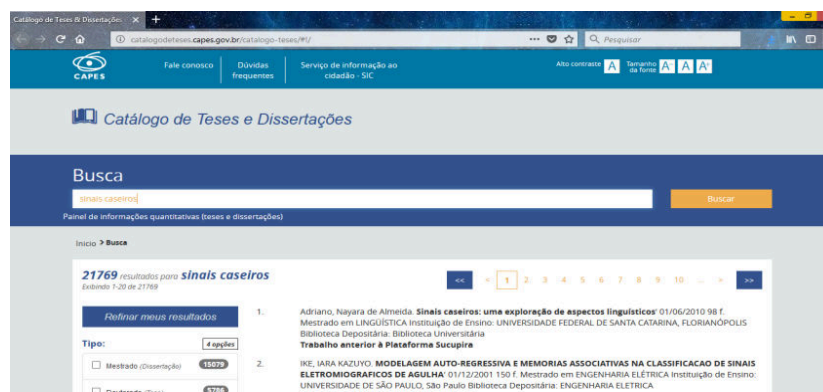
Ao acessar o *site* do banco da CAPES (<http://catalogodeteses.capes.gov.br/>) abre-se a possibilidade de pesquisa por termo, podendo indicar as opções de refinamento da pesquisa por: tipo, ano, autor, orientador, banca, grande área específica, área de conhecimento, área de avaliação, área de concentração, nome do programa, instituição e biblioteca. Ao clicar sobre o título da dissertação ou tese o pesquisador é encaminhado ao resumo do trabalho, com as informações mais detalhadas sobre as referidas produções. Além do nome do autor e título, também é possível saber: quantidade de volume e páginas produzidas, universidade, nomes do orientador e membros da banca de avaliação, nome da biblioteca depositária, e-mail dos



autores, palavras-chave, área(s) do conhecimento, linha(s) de pesquisa, agência financiadora do autor, idioma, dependência administrativa e resumo.

Esta pesquisa utilizou-se da esfera assunto, expressão exata, sinais caseiros. Ao analisar os resultados verificamos que o termo sinais caseiros é muito amplo, o que gerou uma quantidade grande de pesquisas relacionadas ao termo, oriundo das diversas ciências, totalizando 21.769. A figura 1 apresenta as informações quantitativas proveniente dessa consulta

**Figura 1:** Demonstrativo de pesquisas tendo como busca as palavras sinais caseiros.



Fonte: Capes (<http://catalogodeteses.capes.gov.br/>): Acesso em: 01-12-2017.

Posto o excesso de pesquisas encontradas sobre sinais caseiros nas diferentes áreas de conhecimentos, averiguamos a necessidade de refinar a pesquisa para localizarmos especificamente as produções voltadas à área específica desse estudo. Logo após, realizamos uma nova busca no banco de dados da CAPES, redefinindo a área de conhecimento, letras e suas especificidades de concentração e programas de estudos. Após, encontramos 125 resumos de teses e dissertações oriundos dessas áreas específicas, conforme a figura 2.

**Figura 2:** Demonstrativo da pesquisa com uso do recurso, refinar minha pesquisa.



Fonte: Capes (<http://catalogodeteses.capes.gov.br/>): Acesso em: 01-12-2017.

Inicialmente realizamos a leitura dos resumos destes 125 trabalhos para identificar se o objeto de estudo tem relação com a problemática. Ao ler estes trabalhos, identificamos nos resumos e títulos dos mesmo que contêm a palavra gestos. Desta forma buscamos uma leitura na íntegra destes trabalhos específicos, para então compreender se o termo gesto utilizado tem relação com o termo deste estudo (sinais caseiros). Pois alguns pesquisadores atribuem a palavra gestos para se referir aos sinais utilizados por surdos que não conhecem a Libras, pois há um conflito em estabelecer uma concordância terminológica e conceitual para responder tal questão.

Portanto, as informações coletadas foram selecionadas e transferidas para uma tabela criada no Word, com todos os dados da pesquisa para que então pudéssemos identificar de qual área pertence o trabalho. O Quadro 1 e 2 a seguir, demonstram as áreas referente aos trabalhos encontrados.

**Quadro 1** – Quantidade de teses registrada no Banco de Dados da Capes: (2003-2017)

TESES		
ÁREA	QUANTIDADE	
Libras	26	
Teoria e Análise Linguística	2	
Linguística Aplicada	2	
Linguagem e Educação	1	
Análise de Discurso	1	
Total		32

**Fonte:** Dados coletados e organizados pela pesquisadora com base nos dados coletados.

**Quadro 2:** Quantidade de dissertações registradas no Banco de dados da CAPES (2003)

<b>DISSERTAÇÕES</b>		
<b>ÁREA</b>	<b>QUANTIDADE</b>	
Língua Brasileira de Sinais	77	
Linguística e Semiótica	1	
Linguística Aplicada	1	
Teoria e Análise Linguística	2	
Sinais Caseiros-Gestos	3	
Linguagens e Cultura	1	
Estudos Lingüísticos	3	
Linguística Aquisição e Patologias da Linguagem	1	
Estudos da Linguagem	1	
Linguagem, Identidade e Subjetividade	3	
Total		<b>93</b>

**Fonte:** Fonte: Dados coletados e organizados pela pesquisadora com base nos dados coletados.

Ao mapear estes 125 estudos através da leitura dos resumos identificamos que apenas 3 (três) trabalhos no nível de dissertação abordam sobre sinais caseiros apenas em um capítulo do seu estudo. O outro trabalho (dissertação) encontrado não aparece na tabela acima, pois foi trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Contudo, utilizaremos este trabalho, pois se trata do tema e apareceu na pesquisa no banco de dados da CAPES na primeira busca, antes de refinar a consulta. Logo após estas buscas, encontramos um total de 4 (dissertações) referente ao tema e nenhuma tese sobre a temática.

Posteriormente, realizamos a leitura na íntegra, pelo fato de apenas no resumo não ser possível captar a ideia do todo, a fim de atender os objetivos específicos deste trabalho.

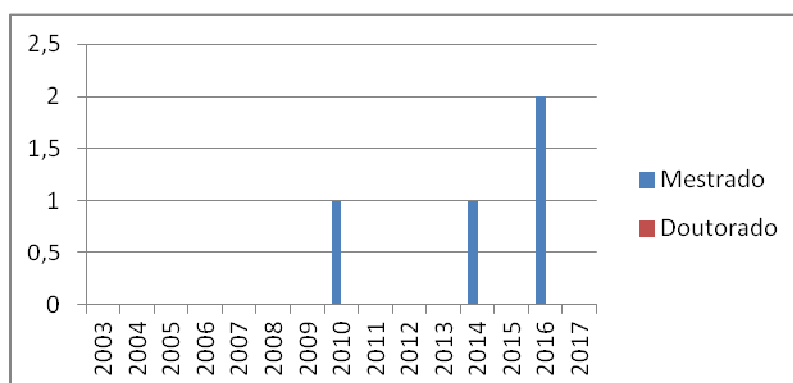
Conforme discute Ferreira:

Somente com a leitura completa ou parcial do texto final da tese ou dissertação desses aspectos (resultados, subsídios, sugestões metodológicas etc) podem ser percebidos. Para estudos sobre o estado da arte da pesquisa acadêmica nos programas de pós-graduação em Educação, todas essas formas de veiculação das pesquisas são insuficientes. É preciso ter o texto original da tese ou dissertação disponível para leitura e consulta (FERREIRA, 2002, p. 266).

Corroborando com a autora, só após a leitura minuciosa dos textos completos que podemos identificar aspectos para atingir o objetivo deste estudo.

Apresentaremos um gráfico com a frequência de produções sobre a temática no banco de dados da CAPES.

**Gráfico1:** Frequência de pesquisas sobre “sinais caseiros” realizadas no Banco de dados da CAPES durante o período de 2003 a 2017.



**Fonte:** Dados coletados e organizados pela pesquisadora com base nos dados coletados.

Este levantamento realizado no Banco de dados da CAPES nos possibilitou organizar um panorama. Dessa forma, constatamos que das 4 (quatro) dissertações somente 1 (uma) trata especificamente sobre a temática. Nas demais produções constatamos, durante a leitura, que somente 3 (três) abordavam sobre o tema em alguma seção do trabalho.

Nota-se que apenas no campo da dissertação começou a produção, no ano de 2010, sete anos após o reconhecimento linguístico da Libras, comprovando o pouco conhecimento dessa língua e suas particularidades. Este panorama apresenta uma distância de produções, após 4 (quatro) anos uma única dissertação no ano de (2014), e após 2 anos (2016), apenas 2 dissertações. Não encontramos nenhuma tese com esta temática. Logo, podemos afirmar a necessidade de estudar, pesquisar e aprofundar mais sobre essa área da surdez.

A partir dos dados coletados realizamos discussões que permitiram projetar essa pesquisa em 3 capítulos. O primeiro capítulo apresentou a introdução, justificativa deste trabalho destacando sua importância, objetivos e problema a ser estudado. Ainda neste capítulo expomos o percurso da pesquisa, ou seja, a abordagem adotada, a metodologia e os dados utilizados na coleta e as categorias de análise, questões necessárias para a obtenção do resultado.

No segundo capítulo, intitulado “Um estudo sobre sinais caseiros”, apresentaremos um breve percurso histórico no que concerne a representação dos sinais caseiros e educadores importante para educação dos surdos, logo após uma discursão sobre o filho desejado pelos pais ouvintes, em seguida explanar o que escrevem os autores sobre os sinais caseiros utilizados por surdos não usuários da Libras.

O terceiro capítulo, “Conhecendo as pesquisas/ resultados da busca do portal da CAPES”, analisaremos em forma de excertos o que dizem as pesquisas sobre o termo, conceito e sentido.

Por fim, foram tecidas as considerações finais sobre os resultados obtidos, destacaremos a contribuição que este resultado proporcionará para outras investigações.

## **2. UM ESTUDO SOBRE SINAIS CASEIROS**

Este capítulo objetiva apresentar considerações sobre as reações da família ouvinte ao descobrir um filho surdo, especificamente como surgem os sinais neste ambiente. Logo após, uma breve descrição da educação dos surdos e, posteriormente, explicar o conceito e termo adotado por diferentes autores sobre os sinais caseiros utilizados por surdos não usuários da Libras.

### **2.1 O filho desejado (A língua desejada)**

Ao descobrir uma gravidez a família ouvinte espera um filho idealizado, pois, em geral, a família almeja um filho semelhante a eles. Para os pais, olhar para seu filho sem o sentido sensorial (audição), não é simples e aceitável no primeiro momento. Muitas vezes o diagnóstico de uma criança surda é difícil e variável. Desta maneira não é fácil que estes aceitem a diferença em seu lar. Já para os pais surdos, o nascimento de uma criança surda é um momento de alegria, pois “é uma ocorrência naturalmente benquista pelo povo surdo que não veem esta criança um ‘problema social’ como ocorre com a maioria das famílias ouvintes” (STROBEL, 2009, p. 53).

Desta forma, a chegada do novo integrante na família é complexa, pois a idealização já estava posta naquele ambiente. Por isso, quando é dado o diagnóstico da surdez, muitos pais “ficam chocados, deprimem-se e culpam-se por terem gerado um filho dito ‘não normal’ e ficam frustrados porque vêem nele um sonho desfeito” (STROBEL, 2009, p. 53). Os pais ouvintes possuem certas dificuldades de se socializar com seus filhos surdos, pois estes pais não tiveram informações adequadas sobre o desenvolvimento linguístico da criança surda.

As reações que os pais de criança surda sentem após receber o diagnóstico são diversas, as autoras Silva; Zanolli; Pereira (2008) descrevem bem as reações. Para os pais no primeiro momento a reação é de choque, caracterizada por um divórcio de si mesmo frente à situação. O segundo período é o de reconhecimento, em que os pais reconhecem e começam a admitir a situação emocional. Para Sousa (2011) pode surgir outra reação, como os pais se sentirem oprimidos e inadequados, e/ou “o sentimento de confusão total, por não compreenderem em um curto período de tempo, o que pode levá-los a uma reação de pânico. Outros sentimentos podem emergir nesse estágio, como raiva, depressão, culpa e a superproteção”. (SOUSA, 2011, p. 26).

No entanto, com tantas reações é imprescindível o papel da família no processo de crescimento e desenvolvimento da criança, seja ela surda ou ouvinte. E, para que a criança

surda se desenvolva de maneira análoga às crianças ouvintes, cabe à família buscar informações, conhecimentos, orientações e apoio profissional para sanar as possíveis dúvidas que estarão presentes no seio da família. Sousa (2011, p. 21) expõe que:

A família é o primeiro e o principal contato entre a criança e o mundo ouvinte no qual irá se desenvolver, dessa forma, a interação com a criança necessita ser realizada dentro de um contexto familiar propício e estimulador para o desenvolvimento das suas habilidades de comunicação e linguagem. É através da linguagem que a criança consegue organizar o seu universo, entender o mundo que a cerca, compreender o outro, transmitir e abstrair seus pensamentos e sentimentos.

Passado o choque inicial, os familiares buscam meios para se comunicar. Ao iniciar seu processo de comunicação a criança surda procura mecanismos para sua interação com a família, que na grande maioria não têm acesso ou não conhecem a Língua Brasileira de Sinais-Libras. Para Strobel (2009, p. 55), “na maioria dos casos com família ouvinte, o problema encontrado para esses sujeitos surdos é a carência de diálogo e de entendimento e a falta de noção do que é a cultura surda”.

A pesquisadora surda Strobel (2009) expõe ainda o seu anseio referente à ausência de diálogos, relatando que em seu seio familiar, composto por pais ouvintes,

em muitas ocasiões [...] não entendia o que falavam ao redor da mesa durante as refeições ou durante as novelas na televisão e muita vez implorava às pessoas pela pouca atenção e explicação sobre tudo (STROBEL, 2013, p. 61).

Neste sentido, os surdos, filhos de pais ouvintes, acabam isolando-se em suas casas por sentirem vergonha e angústia, pois, os familiares não dominam o uso da língua de sinais e acabam muitas vezes esquecendo-se de conversar e se comunicar com seus filhos. Para que os familiares consigam uma interação com seus filhos surdos, criam-se sinais caseiros para sua comunicação. O nome sinais caseiros justifica-se pelo seu uso de sinais dentro do meio familiar, ou seja, criado dentro de sua casa, “são as maneiras únicas, os modos de fazer gestos ou de sinalizar de cada indivíduo que são usados na família, em casa – daí a denominação ‘sinais caseiros’” (MATOS, 2016, p. 129). Portanto, essa pesquisa utiliza o termo sinais caseiros para designar a comunicação sinalizada de pais ouvintes com seus filhos surdos não usuários da Libras. É pertinente destacar que esse termo não deve ser encarado de forma pejorativa, mas demarca um momento importante no desenvolvimento da linguagem de sujeitos surdos.

## 2.2 O percurso histórico no que concerne a representação dos “sinais caseiros”

Para demarcar o percurso histórico no que concerne a representação dos “sinais caseiros” na área da educação do surdo, destacaremos passagens importantes neste processo. A comunicação através dos sinais é situada historicamente bem antes do seu reconhecimento linguístico e, neste ponto de vista, enfatizaremos importantes educadores neste período.

A educação de surdos teve sua origem no século XVI, a partir do trabalho desenvolvido por, Pedro Ponce de León “reconhecido como o primeiro professor de surdos tendo estabelecido uma escola onde ensinava filhos surdos da nobreza espanhola no mosteiro beneditino de São Salvador em Oña” (REILY, 2007, p. 320).

Lodi, (2005, p. 412) referenciando o trabalho de Plann (1993), cita que os monges do Monastério de Oña, na Espanha, seguiam normas que constituíam o voto do silêncio. Deles havia sido extraída a fala e, para se comunicar utilizava um sistema de comunicação manual criado no próprio Monastério (ordem beneditina). Dessa maneira, León estava habituado a uma comunicação que não utilizava a oralidade. O monge propôs ensinar os irmãos surdos, Francisco e Pedro de Velasco, que pertenciam a uma família que havia quatro irmãos surdos<sup>2</sup>. Conforme Lodi (2005, p. 412) “utilizava-se de uma comunicação manual desenvolvida domesticamente”. Descreve ainda que

Embora houvesse diferenças entre os dois sistemas manuais postos em contato — o Beneditino e o da família de Velasco —, Ponce de León parece não haver hesitado em utilizar os sinais, negociados entre os dois sistemas, como instrumento comunicativo para o desenvolvimento da educação. Essa negociação fazia-se necessária, na medida em que o sistema manual utilizado pelos Beneditinos era restrito a um conjunto lexical utilizado para a representação dos objetos; era uma coleção de sinais que tinha o Espanhol como ponto de referência. Os home signs dos de Velasco, por sua vez, pode ser caracterizado como um sistema de comunicação utilizado e criado pelos próprios surdos, não tendo como base a gramática da linguagem oral espanhola (LODI, 2005, p. 412).

Desse modo, segundo Lodi (2005) os surdos da família de Velasco ajudaram o monge no desenvolvimento de seu procedimento educacional, fornecendo os meios mais eficazes para essa aprendizagem. Este contato com os irmãos surdos foi crucial para o início de uma educação e, deve ser lembrado quando é feita alusão ao ensino dos surdos. Pois, conforme REILY (2007, p. 321).

---

<sup>2</sup> A incidência da surdez nas famílias da aristocracia e da realeza era muito alta, dada a prática dos casamentos consanguíneos, como forma de manter as riquezas numa mesma camada social. “Francisco e Pedro, por exemplo, eram de uma família em que cinco dos oito filhos eram surdos [...]. As três irmãs surdas foram enviadas a conventos” (MOORES, 1987: 41 *apud* REILY, 2007, p. 320).



Entre eles provavelmente se havia desenvolvido uma sinalização caseira, que encontrou eco nos sinais beneditinos. O monge Ponce de León foi designado “anjo da guarda” dos meninos e foi aí que se deu o cruzamento histórico dos sinais monásticos com os sinais dos surdos.

Com esta troca de conhecimento de dois sistemas linguísticos diferentes, “acredita-se que esse tenha sido o fator principal para o sucesso de seu método educativo, que outros, nos anos que se seguiram, tentaram copiar sem sucesso e possivelmente sem compreender o porquê do fracasso” (LODI, 2005, p. 412).

Outro marco na história da educação dos surdos, acontece quando o Abade Charles Michel de L'Épée é destacado por ter reconhecido a necessidade de usar sinais como ponto de partida para o ensino do surdo.

Segundo Reily (2007) o próprio L'Épée descreveu como se envolveu com este trabalho. Duas irmãs gêmeas surdas estavam sendo educadas pelo Padre Vanin, que veio a falecer. Em 1760, L'Épée se colocou na disposição a continuar o ensino por temer que, sem educador, elas morreriam na ignorância de sua religião; resolveu mudar os métodos utilizados por Padre Vanin, que era o uso de gravuras para ensinar o Cristianismo. Pois “entendeu que a compreensão se restringiria ao significado literal, físico da imagem, e que o sentido mais profundo da fé seria impossível de transmitir apenas por figuras visuais” (REILY, 2007, p. 322).

Conforme Reily (2007) nesta tentativa de um novo método, L'Épée decidiu ensinar linguagem pelos olhos, e não pelos ouvidos, apontando os objetos com uma mão e escrevendo o nome correspondente na pedra com a outra. Assim:

Lembrou-se de um alfabeto bimanual que utilizara na escola, para poder se comunicar com os colegas, sem ser descoberto pelo mestre. Com esse método associacionista, logo as meninas estavam lendo e escrevendo os nomes das coisas. No entanto, este sistema não permitia maiores avanços, porque não contemplava nenhuma gramática, nem sentidos abstratos, essenciais para o ensino religioso, restringindo-se à nomeação de objetos presentes, visíveis, perceptíveis pelos sentidos. O abade chegara a um impasse (REILY, 2007, p. 322).

Ainda conforme a autora, em um determinado momento L'Épée intuiu que as gêmeas já deveriam possuir um sistema gramatical, pois percebeu que elas já se comunicavam entre si com muita fluência. O educador concluiu então que necessitaria aprender a gramática com os sinais de suas alunas para então aprimorá-los, desenvolvendo um método para aproximar os sinais à língua francesa.

Reily (2007) apresenta informação importante sobre este período que, L'Épée não juntou ao grupos de surdos que vagavam as ruas de Paris, como alude o autor Sacks em seu livro, 'Vendo Vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos vendo vozes' (1998). Segundo Rée (2000) *apud* (REILY, 2007, p. 322), o fato foi ao contrário.

Os surdos se congregaram em torno do espaço educacional oferecido pelo abade, trazendo suas formas linguísticas consigo, e também aprendendo com os surdos da instituição que certamente já estavam constituindo uma forma híbrida e funcional baseada nas necessidades da prática, e influenciada certamente, quando convinha, pelos ensinamentos do sistema metódico de l'Épée.

O abade convidava os interessados a freqüentarem sua instituição, para que conhecessem sua metodologia e difundissem seus conceitos em outros ambientes. Esta difusão possibilitou aos Estados Unidos, e depois ao Brasil, herdar o sistema de sinais francês, ao avesso da metodologia oralista inglesa ou alemã que não havia abertura para divulgar o trabalho realizado na época. Essa nova metodologia de ensinar, linguagem pelos olhos, é de suma importância para o desenvolvimento dos surdos, pois revolucionou as possibilidades de educação, comunicação, interação e cidadania para os surdos, um grupo que se encontrava marginalizado e excluído, até então (REILY, 2007).

Portanto, este pequeno percurso histórico apresenta educadores importantes no que concerne ao início de um status linguístico para língua de sinais. Foi através das percepções do frade beneditino Pedro Ponce de León e do Abade Charles Michel de L'Épée "que a comunicação pelos gestos constituía uma forma válida e muito eficaz de significação" (REILY, 2007, p. 324).

Esse olhar cuidadoso dos educadores sobre a necessidade de comunicação dos surdos e dos sistemas linguísticos utilizados por Francisco e Pedro de Velasco e as duas irmãs gêmeas surdas foi importante para entendermos que ambos os surdos possuíam um sistema de comunicação próprio e familiar, quiçá, sinais caseiros, que permitia o estabelecimento de interação. Esse sistema linguístico próprio de cada família ocasionou um começo na metodologia para educação dos surdos, obtendo um sucesso no desenvolvimento da língua de sinais.

### **2.3 Terminologias sobre sinais caseiros**

Ao discutir a temática sinais caseiros, objetivamos compreender como ela é abordada por diferentes autores. Na área da surdez há um conflito em estabelecer uma concordância

terminológica e conceitual para responder o que de fato é o sinal produzido por surdo que não conhece a Língua Brasileira de Sinais. Na tentativa de esclarecer os termos e conceitos utilizados para sinais caseiros, buscaremos subsídios teóricos em estudos que já foram realizados pelos autores Vilhalva (2009), Souza e Segala (2009), Gesser (2006), Dalcin (2006), Rosa, Goes e Karnopp (2004), Santana (2007), Goldfeld (2002), Kumada (2012).

O pioneiro Tervoort (1961) já havia apontado em seus estudos a relevância dos “gestos” para a comunicação com crianças surdas. Segundo Kumada (2012), em 1951, Tervoort iniciou uma pesquisa psicolinguística com crianças surdas em contextos escolares e familiares. Em uma investigação na Holanda, Bélgica e Estados Unidos percebeu que as crianças surdas, em suas comunicações, “não utilizavam apenas a fala e/ou apenas a datilologia, e sim uma gama de recursos (fala, datilologia, ‘gestos naturais’, sinais formais, ‘mímica’ etc.)” (KUMADA, 2012, p. 16-17). Nomeado pelo autor de “simbolismo esotérico”. A autora esclarece ainda que:

Durante a transcrição de seus materiais filmados, Tervoort (*op.cit.*, p.445) se deparou com a dificuldade de tradução das conversas entre surdos que desconheciam os sinais formais das línguas de sinais. Para distinção do sinal formal o autor denominou de “gestos naturais” os símbolos linguísticos utilizados para descrever (imitar) um determinado objeto em situações esotéricas, ou seja, internas (na família ou na escola). Os “gestos naturais” que podem se desenvolver e se tornarem sinais formais (KUMADA, 2012, p. 17).

O termo “simbolismo esotérico” proposto por Tervoort (1981) *apud* Santana (2007) é o modo de comunicação gestual particular entre o filho surdo e os pais ouvintes. Linguagem esotérica (*esoteric language*) é construída, por meio da produção de gestos e mímicas que nada mais são do que representações subjetivas de objetos e situações. Estas representações subjetivas são imitações daquilo que mais chama atenção para a criança no momento, pois para que o outro compreenda o sentido, é preciso que, pequena parte seja uma definição da situação ou objeto que deseja passar a mensagem.

Santana (2007) referenciando simbolismo esotérico de Tervoort (1981) apontam que no momento em que a criança deseja imitar uma situação, ela escolhe a parte do corpo, ela coloca sua personalidade na imitação. Então se uma criança tiver que imitar uma cobra rastejando rápido, ela fará os gestos mais rápidos, pois foi o que percebeu no momento, ou seja, o gesto natural é sempre estimulado pela interpretabilidade de um indivíduo ou de um grupo. Dessa maneira, “não existe identidade entre o objeto e o gesto porque as escolhas são subjetivas. Há vários predicados para o objeto, mas a escolha é livre” (SANTANA, 2007, p.

84). Assim concluir-se que o gesto manual, para uma criança que não usa uma língua oral ou de sinais, tenciona a ser icônico.

De acordo às leituras de Santana (2007), ressalta que essa iconicidade não corresponde só à realidade, mas também a uma representação particular dela, assim, os gestos e as mímicas são apenas em partes icônicos. Diante disso há “possibilidade de o sentido ser construído e convencionalizado na interação entre os interlocutores sejam eles surdos ou ouvintes” (SANTANA, 2007, p. 84).

Dalcin (2006) citando Tervoort (1981) exemplifica que o simbolismo esotérico tem uma estrutura similar a uma língua. A sua utilização possibilita que a comunicação aconteça na ausência de uma língua em comum devido às restrições (surdez) inatas da criança que o produz.

Sendo assim, as autoras Dalcin (2006), Santana (2007) e Kumada (2012) concluem que simbolismo esotérico de Tervoort (1981) consiste em representações convencionadas e partilhadas entre os pais ouvintes e seus filhos surdos, não entendíveis a outros interlocutores, pois é próprio do seu meio.

Autores como Goldin-Meadow (1979) e Morford (1996) têm utilizado o termo “sinais domésticos”. Os estudos de Santana (2007) apontam que para Morford (1996) os sinais domésticos são estruturados independentemente da fala e apresentam muitas semelhanças com a língua de sinais. Os gestos podem ser apontados como: dêiticos (marca referencial no ambiente/espço) e icônicos. Ainda destaca que uso dos gestos não está “diretamente relacionado a aquisição da língua de sinais, mas o grau do domínio dessa língua depende da estrutura dos gestos” (SANTANA, 2007, p. 85).

Isto confirma que os gestos influenciam a aquisição da linguagem, assim para Morford (1996) a representação icônica é importante para o processo linguístico. Santana (2007) expõem ainda sobre os estudos de Morford esses “gestos refletem o desenvolvimento da capacidade linguística inata da criança na ausência da linguagem. Ou seja, as crianças criam o próprio sistema comunicativo quando não recebem *input* linguístico” (SANTANA, 2007, p. 85).

Corroborando com este mesmo termo, “sinais domésticos”, Goldin-Meadow (1979) aprofundou seus estudos nos gestos produzidos por crianças surdas, com o intuito de compreender a “tese de que o ser humano é dotado de criatividade para a linguagem, mesmo sem ambiente linguístico” (Goldin-Meadow (1979) *apud* SANTANA, 2007, p. 85). O sinal doméstico é a prova desta criatividade e seu sistema linguístico possui similaridades com a linguagem oral, aspectos semânticos e sintáticos são desenvolvidos em situação semelhante às

primeiras palavras dos ouvintes. Isto é, as mesmas características das “línguas naturais são encontradas nos sinais domésticos e percebidas na ausência do *input* linguístico convencional” (Goldin-Meadow (1979) *apud* SANTANA, 2007, p. 85). Completa sua ideia ao dizer que o curioso é que as mães ouvintes criam apenas gestos fáceis, enquanto os filhos surdos organizam gestos bem mais complicados. Acrescenta ainda que na surdez, a criança é ‘forçada’ a criar símbolos para que ocorra uma comunicação.

Kelg, Senghas e Coppola (1999) sustentam a tese do termo sinais domésticos só que fundamentado em outras evidências. Para esses estudiosos, segundo Santana (2007, p. 85), os sinais domésticos

Podem ser considerados mímicas, mas não contem sistema gramatical. São realizados com o corpo todo, e a comunicação depende fortemente do contexto, quase como sinais individuais. As expressões faciais transmitem afeto, mas não correspondem a um sistema gramatical, diferente da língua de sinais.

Entretanto, Kelg, Senghas e Coppola, nos estudos de Santana (2007), defendem que as crianças surdas com idade inferior a sete anos que utilizam esses sinais, ao entrar em contato com outra criança que também os produza, estes sinais podem se tornar mais organizados. Para eles o uso dos gestos (sinais domésticos) devido à ausência do *input* linguístico, testifica a evidência da capacidade humana para a linguagem.

Contudo, Santana (2007) expõe que é através da interação social que propicia a emergência dos gestos e não apenas uma capacidade biológica. Pois, é a partir do momento em que a mãe confere sentido ao gesto do filho, que esse (gesto) adquire um *status* diferenciado: “ele significa não só para a criança que o faz, mas também para o interlocutor, que o interpreta. Isso ocorre tanto com os gestos da mãe quanto com os da criança” (SANTANA, 2007, p. 86). Apresenta ainda que

nas interações dialógicas, chega-se a um “acordo” quanto ao sentido do gesto e, a partir daí, a significação é “convencionalizada”. É porque os gestos são interpretados pelo outros e, assim, internalizados que há a possibilidade de “criação” de outros gestos. Essa atividade de “mão dupla” é própria da natureza dialógica e interativa da linguagem (SANTANA, 2007, p. 86).

Desta forma, a autora defende que não é um *input* linguístico que propicia a linguagem, mas sim, as relações de interdependência entre contexto social e as práticas com a linguagem, entre um signo e o sentido partilhado pelas pessoas. Ou seja, o espaço da

linguagem deixa de ser o privado à natureza, ao biológico, e passa a tomar lugar histórico-cultural.

Vilhalva (2009, p. 96) acredita que a linguagem surge como uma resposta da mente humana e, a sua interação com o meio. Defende que a língua emergente se encontra no rumo do desenvolvimento e seus sinais são criados conforme a necessidade individual. Segundo a autora esses sinais também são titulados de gestos caseiros ou práticas linguísticas. Então, “sinais emergentes”<sup>3</sup> em seu trabalho se refere a uma língua de sinais em desenvolvimento. A pesquisadora acredita no “aspecto evolutivo dos sinais familiares para os sinais emergentes e a transição para a língua de sinais” (VILHALVA, 2009, p. 9).

Para a autora, o estudo sobre sinais familiares oferece um conjunto de informações com relação à comunicação da família ouvinte, com um filho surdo. Pois, os familiares começam a criar um meio de comunicação visual, utilizando todas as estratégias naturais, bem como o apontamento e gestos naturais. Então, com tempo de uso destes sinais criados dentro das necessidades de comunicação, na qual vai se “convencionando a forma de interação dialógica passando a transformar como um meio de comunicação essencial, aonde vai aos poucos vão acrescentando os recursos necessários para a compreensão dialógica entre pais ouvintes e filhos surdos” (VILHALVA, 2009, p. 95).

Para a autora, o ser humano tem uma competência de aprender línguas desde muito cedo, e essa capacidade adaptativa com que os surdos começam com os sinais emergentes, também fica evidente quando entram em contato com a língua de sinais.

A autora ainda alerta que, se observar a Lei da Libras, 10.436/02002, em seu artigo primeiro é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras - e outros recursos de expressão a ela agregados. Conforme a pesquisadora, “nesses outros recursos a ela associados, podem figurar, segundo nossa compreensão, os sinais emergentes” (VILHALVA, 2009, p. 18). Afirma ainda que:

Se Língua Brasileira de Sinais é uma forma de comunicação e expressão, cujo canal de produção e recepção é de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituindo um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil conforme está na lei pode ter clareza de que a lei não está se referindo à não existência de diferenças na produção, ou seja, ela nada fala sobre um padrão de sinalização. Por tal razão, levantaremos hipóteses para futura pesquisa sobre variações linguísticas entre as línguas de sinais usadas em diferentes comunidades surdas indígenas (VILHALVA, 2009, p. 18).

---

<sup>3</sup> Segundo Vilhalva (2009, p.70) emergente é o que emerge ou que surge conforme as necessidades de comunicação.

A autora acrescenta que é preciso ter sapiência para buscar o conhecimento das línguas usadas pelos índios surdos. Pois, elas apresentam inúmeras singularidades, seja pelo fato de cada um estar em lugares diferentes dentro das terras indígenas, ou pela ocorrência de cada família ter seus sinais emergentes.

Souza e Segala (2009, p. 27) também acreditam no aspecto evolutivo das “Línguas de Sinais Emergentes”. Ao discutirem, mencionam que a maior parte das línguas de sinais “[...] nasceu do contato entre duas ou mais línguas ou de uma língua e sistema de sinais caseiros (Línguas de Sinais Primárias) num processo de pidgin seguido de criouliização.” Segundo Gesser (2006) os *pidgins* são línguas em potencial justamente por serem instáveis e transitórios que na verdade aproxima-o ainda mais da noção de movimento no qual deve estar presente à concepção de língua. Os autores fazem com relação aos “sinais caseiros”, fazendo referência a eles como “línguas de sinais primárias” e ainda completam que “Sinais caseiros ou Línguas de Sinais Primárias correspondem aos gestos ou construção simbólica inventadas no âmbito familiar” (SOUZA; SEGALA, 2009, p. 27). Afirmam ainda que seja comum a existência de tal sistema convencional de comunicação quando se trata de mãe-ouvinte e criança-surda

Os autores expõem uma passagem importante na história da construção da Língua Brasileira de Sinais. Para eles a Libras é “originada do contato entre a Língua de Sinais Francesa e /ou outras Línguas de Sinais de outros países ou Línguas de Sinais Primárias que, provavelmente, já existiam antes da chegada de um professor surdo francês” (SOUZA; SEGALA, 2009, p. 32).

Já para Behares (1995), o que interessa à criança surda, não é o social nem o interlocutor, mas sim o outro (a língua). Para ele nenhuma pesquisa trata das relações do “simbolismo esotérico” com as línguas orais, nem das línguas de sinais. Conforme Behares (1997 *apud* Santana, 2007, p. 88) “os trabalhos relacionam os gestos com a comunicação, embora reconheçam a essência do fenômeno no fato de não existir *input* de língua acessível à criança”. O autor afirma que:

O simbolismo esotérico é o efeito da interpretação da mãe a partir de sua língua (oral), mas não é nem dá por resultado a língua oral. A língua da mãe e a língua da criança vão diferir sempre. A questão da língua materna tem a ver com o assujeitamento: ela é aquela língua na qual e em relação a qual o sujeito é determinado como efeito. A criança surda é o efeito de uma língua que ela não fala, ou melhor, na qual ela não poderá se espelhar, não poderá se escutar. Embora seja falada numa língua oral determinada, esta não se tornará “sua língua”, não será “língua materna” (BEHARES, 1997 *apud* ZAJAC, 2011, p. 43).

O autor enfatiza essas implicações para destacar a necessidade de discutir essa questão levando em conta a língua em funcionamento e de pensar suas características como efeito desse funcionamento.

Gesser (2006), em concordância com Behares (1997), que trata da “língua em pleno funcionamento”, explora a questão da terminologia “Língua de Sinais Caseira”, mas na direção do reconhecimento dos “sinais caseiros” como “língua” (GESSER, 2006, p. 67). Ao enxergar a língua de sinais caseira enquanto “[...] mais uma variedade em sinais”. A autora enfatiza que os sinais caseiros é língua na qual a criança surda é colocada em funcionamento. E destaca que de maneira geral o não reconhecimento dos sinais caseiros:

Ocorre porque, tenta-se amarrar uma “camisa de força conceitual” a uma realidade linguística que não é o seu número. [...] e ignora-se o que realmente interessa: o processo interacional humano de uso de linguagem e a situação bi/multilíngüe desses indivíduos (GESSER, 2006, p. 63).

A autora alerta para os estudos que se referem aos sinais caseiros por “*pidgin* sinalizado”, mas recomenda que no caso de se fixar em tal afirmação, que se faça para conferir o sentido máximo de língua no qual está inserido o termo *pidgin*, “pois estão sempre em mudança e movimento” (GESSER, 2006, p. 64). Ao falar sobre a necessidade de comunicação entre família ouvinte e filho surdo a autora diz que

havendo, por parte da família ouvinte e do surdo, vontade e necessidade de comunicação, a língua de sinais caseira será a língua de interação no contexto familiar. Não se pode empurrar essa língua para debaixo do tapete da casa, como se fosse uma língua corrompida, ilegítima, transitória, só porque os ideais de língua pura, padrão e homogênea não querem se contaminar com as pulgas das línguas “vira-latas” (GESSER, 2006, p. 65).

A autora apresenta que não só a Língua Brasileira de Sinais “é uma língua legítima (em oposição às línguas orais), mas também a Língua de sinais caseira (em oposição à LIBRAS) pode ter a sua legitimidade”( GESSER, 2006, p. 206).

Em contrapartida ao não funcionamento/reconhecimento dessa língua, os apontamentos de Goldfeld (2002) sobre os surdos que não têm acesso a uma língua estruturada, consideram que os mesmos estão imersos em uma situação bem grave, pois são privados de compartilhar as informações mais óbvias com uma comunidade. A autora expõe que as crianças surdas “que não são expostas à língua de sinais e não recebem nenhuma forma de tratamento fonoaudiólogo para adquirir a língua oral, adquirem uma forma rudimentar de linguagem”. (GOLDFELD, 2002, p. 62). Para ela a diferença é que, não tendo acesso a uma



língua estruturada, como a Libras, a qualidade e quantidade de conhecimentos e assuntos são menores, daqueles que os indivíduos ouvintes, em sua maioria, recebem e trocam. Conforme Goldfeld (2002, p. 62) os surdos nestas condições

só conseguem expressar e compreender assuntos do aqui e agora. Para falar sobre situações passadas, lugares diferentes e, principalmente, sobre assuntos abstratos são quase impossível – se realmente não o for. Parece, então, que a função planejadora da linguagem não é dominada inteiramente pelos surdos com atraso de linguagem.

Assim, falar a respeito de conceitos abstratos é complexo para eles, pois ficam conectados ao concreto. A autora defende também que, o atraso de linguagem causa atraso na aprendizagem e conseqüentemente no desenvolvimento. Os surdos com atraso de linguagem “não têm acesso aos conceitos científicos, sua aprendizagem é difícil e seu desenvolvimento segue caminhos diferentes dos daquelas crianças que passam por um processo de aprendizagem formal, escolar, sem dificuldades linguísticas” (GOLDFELD, 2002, p. 71).

Na mesma vertente, o não reconhecimento dos “sinais caseiros” como língua, também é o posicionamento de Dalcin (2006) ao pesquisar sobre surdos que aprenderam a língua de sinais tardiamente. Para Dalcin (2006, p. 194) na tentativa “de estabelecer contato e sair da inércia social e subjetiva a que se encontravam, desenvolveram um sistema de comunicação vinculada à língua oral que chamaram de sinais caseiros”. Além disso:

[...] os sinais caseiros são também considerados “pobres” em relação à língua de sinais, pois contêm uma quantidade reduzida de vocábulos, que se caracterizam por serem específicos para uma única situação, isolados, sem contextualização, voltados para a necessidade comunicativa do presente, muito limitados e superficiais, propiciando uma comunicação solta, fragmentada e sem estrutura e impossibilitando o aprofundamento das situações abordadas (DALCIN, 2006, p. 196).

Assim, por ser uma comunicação superficial, os sinais caseiros não possibilitam condições para uma comunicação fora do ambiente que ela vive, tornando esta criança cada vez mais afastada e isolada de outros meios sociais sem a presença dos familiares para estabelecer o diálogo. Os sinais caseiros ainda restringem-se às necessidades básicas, não obtendo informações mais amplas comprometendo assim, a qualidade da informação e, conhecimentos diversos que o surdo precisar saber.

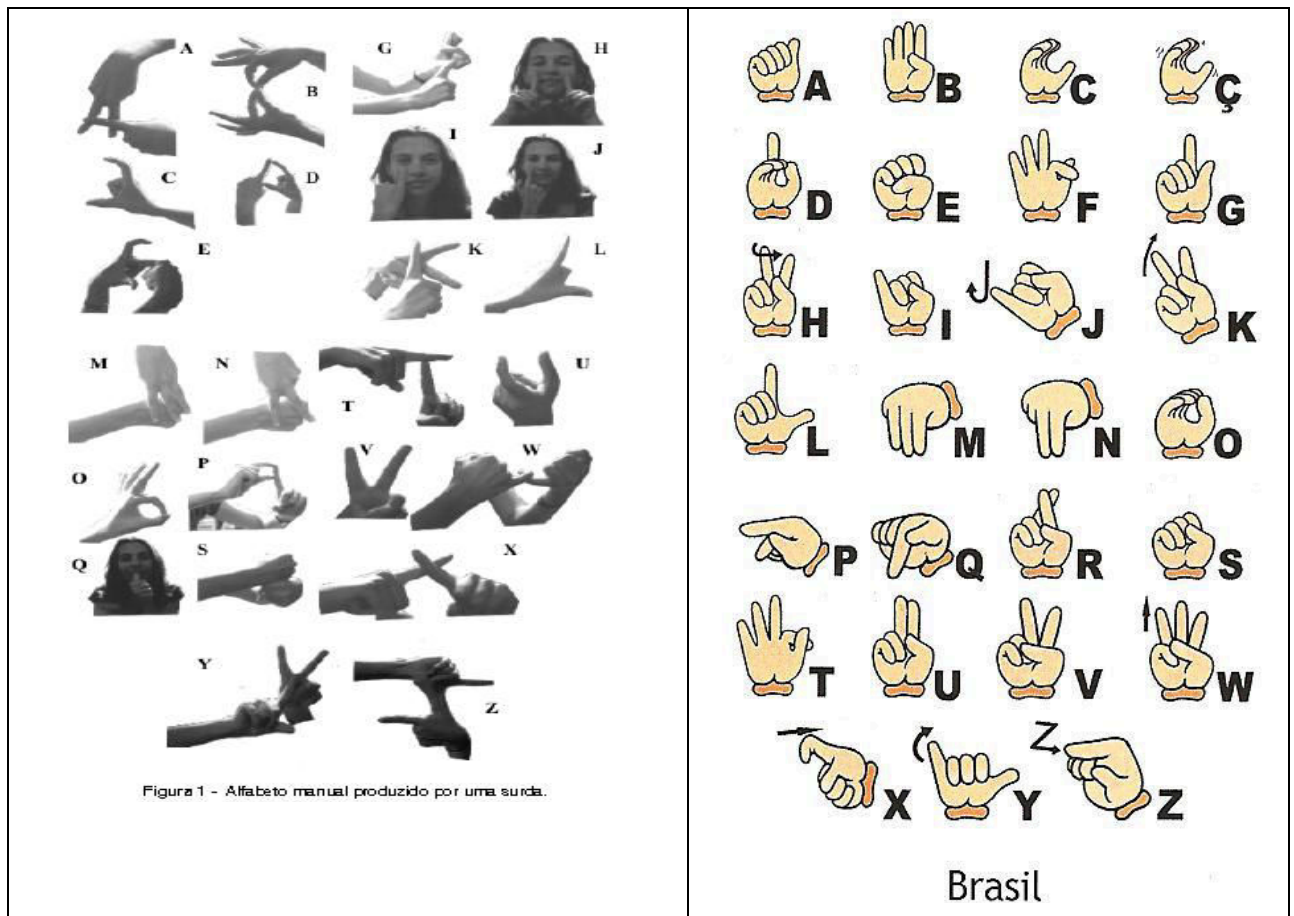
Para Dalcin (2006, p. 212), os surdos que permanecem nessa comunicação, acabam tornando-se sujeitos sem língua e, com isso “[...] permanecem numa posição de exclusão da língua (oral e de sinais) e, conseqüentemente, da cultura (ouvinte e surda)”. Afirmo ainda que

carentes de recursos permaneçam sem condições para interpretar, sendo interpretados pelo outro. Um sujeito entre línguas, que se constitui na injunção de duas línguas.

No artigo das autoras, Rosa, Goes e Karnopp (2004), a opção é pelo termo “sinais caseiros”. O estudo demonstra as variedades linguísticas presentes na Libras. As autoras apresentam que o autor, Alexandre Goes, durante o ano de 2004 em uma pesquisa descobriu “evidências da importância dos sinais, mesmo em contextos de uso de sinais por surdos que não convivem com outros surdos” (ROSA, GOES e KARNOPP, 2004, p. 266). Nesta pesquisa ele encontrou exemplos de um alfabeto manual, em que a datilologia foi criada para alfabetizar uma criança surda que não tinha contato e conhecimento sobre a Libras, desenvolveu “sinais caseiros” com sua mãe para constituir uma comunicação e também para mediar o aprendizado do português escrito. Os autores narram que a criança surda mudou de escola e entrou em contato com outros surdos que conhecem a Libras, deixando os “sinais caseiros” e a datilologia “caseira” designados somente para comunicação com a família. Em outras palavras, a criança surda “passou também a utilizar o alfabeto manual convencional, ficando restrita a utilização daqueles sinais caseiros e daquela datilologia somente com a família” (ROSA, GOES e KARNOPP, 2004, p. 266).

Nota-se, portanto, que os “sinais caseiros” continuaram presentes nas interações familiares, mesmo após o aprendizado da LIBRAS, o que pode remeter a habilidade de todo sujeito bilíngue, inclusive dos surdos, em cambiar de uma língua (seja a LIBRAS ou a “língua de sinais caseira”) para outra conforme o contexto (KUMADA, 2012, p. 21).

Para ilustrar a diferença entre os dois sistemas linguísticos, segue o referido alfabeto datilológico “caseiro” e o alfabeto manual da Libras para comparação:



Alfabeto “caseiro”

Fonte: Rosa, Goes e Karnopp (2004,p.268)

Alfabeto convencional da LIBRAS

Fonte: Quadros e Pimenta

As autoras relatam que, segundo a família, o objetivo da criação alfabeto “caseiro” era facilitar a comunicação com a filha surda e, em contrapartida, essa família não tinha conhecimento sobre a existência da Libras e, de sua importância no desenvolvimento lingüístico dos surdos.

Kumada (2012) analisou em seu trabalho a diferença e semelhança, entre os dois sistemas linguísticos. Para ela na ilustração dos alfabetos acima nota-se uma grande diferença, sendo as letras “L”, “V” e “M” as que mais se assemelham ao alfabeto da língua portuguesa. Porém, “cabe ressaltar que assim como os sinais convencionados (ou qualquer item lexical seja das línguas orais ou de sinais) podem diferir de um país para o outro, também o alfabeto datilológico pode apresentar distinções ou semelhanças” (KUMADA, 2012, p. 22).

A autora conclui dizendo que com alfabeto caseiro produzido pela família para sua própria comunicação, buscou-se a imitação do objeto, de seu formato de contorno, ou seja,

obteve como base a representação visual do alfabeto da língua portuguesa. Baseada nos estudos de Tervoort (1961), acredita que essas cópias possam variar, “pois cada pessoa coloca sua personalidade na imitação e faz as suas escolhas por uma ou mais característica do objeto. É por essa razão que os “sinais caseiros” ou mesmo os convencionados se diferem conforme o indivíduo ou grupo” (KUMADA, 2012, p. 23).

Portanto, existe variedade de conceitos, sentidos e terminologias atribuídos aos sinais caseiros, bem como “simbolismo esotérico” Tervoort (1981), “sinais domésticos”, Goldin-Meadow (1979); Morford (1996) Kelg, Senghas e Coppola (1999), “sinais emergentes”, “Vilhalva (2009), “Sinais caseiros ou Línguas de Sinais Primárias” Souza e Segala (2009), “Língua de Sinais Caseira”, Gesser (2006) “sinais caseiros” Dalcin (2006) Rosa, Goes e Karnopp (2004).

O que leva o presente trabalho, a entender e respeitar que são diferentes os posicionamentos sobre os sinais produzidos por surdo que não teve acesso a Libras. E, que embora sustentado por teorias diferentes, há uma preocupação do reconhecimento e do não reconhecimento dos sinais caseiros que atende aos surdos e os familiares em situações de necessidades em alguns casos ao longo da vida.

### **3. CONHECENDO AS PESQUISAS/RESULTADOS DA BUSCA DO PORTAL DA CAPES**

O capítulo em questão apresenta um olhar do tema através da análise e leitura cuidadosa das dissertações. Portanto, é o cerne deste trabalho. Assim, segue inicialmente uma breve apresentação das dissertações encontradas e, em seguida, uma análise das mesmas explicitando através de excertos o termo, conceito e sentidos de cada autor para sinais caseiros.

#### **3.1 As dissertações**

No portal da CAPES foi realizada a busca por assunto “sinais caseiros” com a opção de dissertações e teses no período de 2003 até 2017. Foram encontradas 4 (quatro) dissertações relacionadas ao objeto de estudo, que serão brevemente apresentadas a seguir;

##### **a) Dissertação 1**

Nayara de Almeida Adriano (2010) elaborou um estudo com o tema “Sinais Caseiros: Uma exploração de aspectos linguísticos”. O estudo teve como propósito analisar se existem aspectos linguísticos nos sinais caseiros e se expressam satisfatoriamente o pensamento de seus utentes. Investigado em duas pequenas cidades do Estado do Ceará, em que há surdos em condições de isolamento linguístico, que não têm contato com ouvintes e/ou surdos de centros urbanos usuários de Libras e que, por isso, utilizam sinais caseiros, criados e convencionados por eles e seus familiares, como principal meio de comunicação. Concluiu que os sinais produzidos pelos surdos investigados revelam um sistema linguístico natural na modalidade espaço-visual que, embora simples, é capaz de preservar a capacidade cognitiva do indivíduo, e possibilitar sua interação comunicativa com familiares e outros de seu convívio.

##### **b) Dissertação 2**

Euder Arrais Barretos (2016) elaborou “A situação de comunicação dos Akwê-Xerente surdos” tendo como objetivo investigar a situação de comunicação em que se encontram os Akwê-Xerente Surdos, localizados no Estado do Tocantins. A pesquisa registrou a presença de treze Surdos entre 07 e 62 anos de idade residindo em 10 aldeias e, evidenciou as formas próprias de ver e estar no mundo dos Akwê-Xerente, as formas de comunicação entre Surdo-Surdo e Surdo-ouvinte, além do acesso dos Surdos às práticas culturais de seu povo. O estudo evidencia a grande possibilidade de interação comunicativa propiciada pelas práticas culturais dos Akwê-Xerente e, por outro lado, a necessidade de se

investigar ainda mais a respeito da comunicação entre Surdo-ouvinte e Surdo-Surdo, considerando os espaços de produção cultural e de uso dos sinais, bem como a discussão a respeito dos “sinais caseiros” e da concepção de língua debatidos em outros estudos a respeito dos indígenas Surdos no Brasil. Por fim, demonstra a presença de sinais Akwẽ, indaga-se sobre a existência de uma Língua de Sinais Akwẽ-Xerente.

#### c) Dissertação 3

Pâmela do Socorro da Silva Matos (2016) dissertou “Entre Gestos e Sinais: O contar história sem uso da voz”. A presente pesquisa analisou gestos necessários para se contar uma história sem o uso da voz. Foram analisadas as narrativas de oito (8) entrevistados – a partir de um episódio do desenho animado “Tom e Jerry” – sendo quatro (4) alunos surdos, e quatro (4) professores ouvintes, localizados em Belém do Pará. A pesquisa demonstrou que os gestos são bastantes presentes ao narrar dos entrevistados, tanto dos alunos surdos quanto dos professores ouvintes, sendo que há influência mais forte no uso dos gestos entre as pessoas surdas, pois o canal usado para comunicação é o visual espacial. Constatou-se que quando os surdos chegam às escolas, os professores que convivem com eles no dia-a-dia acabam adquirindo a mesma forma de sinalizar os gestos, principalmente quando o professor sabe pouco ou quase nada de Libras, e, de certa forma, os ajudam bastante em suas comunicações gestuais sem barreiras.

#### d) Dissertação 4

Priscilla Alyne Sumaio (2014) elaborou a dissertação intitulada “Sinalizando com os Terena: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos”. Pesquisou a(s) língua(s) utilizadas por surdos terena da comunidade indígena de Cachoeirinha, próxima ao município de Miranda, estado do Mato Grosso do Sul, de diferentes faixas etárias, sendo a maioria jovens. Essa comunidade despertou atenção, pois os surdos se comunicam com sinais diferentes dos sinais da Língua Brasileira de Sinais, então se questionou da existência de uma língua terena de sinais, criada por eles. A autora utilizou na sua metodologia fotografia e vídeo dos sinais terena. Avaliou-se a estrutura, a morfologia no uso desses sinais e, se chegam realmente a constituir uma língua. Observou também a cultura, educação, às relações dos surdos com seus familiares, professores, intérpretes, amigos e sociedade ouvinte.

### **3.2 Análises das pesquisas**

Com intuito de analisar o que dizem as pesquisas sobre sinais caseiros após o reconhecimento linguístico da Língua Brasileira de Sinais, debruçaremos nas dissertações citadas analisando o termo, conceito e sentido atribuídos aos sinais utilizados por surdos não usuários da Libras.

Vale ressaltar que, das 4 (quatro) dissertações somente 1 (uma) trata especificamente sobre a temática, a saber, a dissertação de Adriano (2010). Nas demais produções, constatamos que abordam somente sobre o tema em alguma seção do trabalho. De tal modo, analisaremos a seguir.

### **Dissertação 1**

Na leitura da dissertação de Adriano (2010), cujo título “Sinais Caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos”. Pode-se evidenciar no próprio título que utiliza o termo “sinais caseiros” para se reportar aos sinais utilizados pelos surdos que não tiveram acesso a Libras. Em relação ao conceito, no excerto a seguir podemos evidenciar a seguinte perspectiva:

#### **Excerto 1**

[...] entendendo ser a gestualidade (língua de sinais caseiros) – usada pelos alunos e por todos aqueles que não sabem línguas de sinais – um tipo de conhecimento pertencente à mesma modalidade perceptual aplicada à língua de sinais, porém apresentando algumas características diferentes, resolvi cursar o mestrado focando os aspectos que qualificam os sinais caseiros como língua. (ADRIANO, 2010, p. 16)

Pode-se compreender no excerto 1 que tanto os surdos como os ouvintes que não têm conhecimento da Libras utilizam os sinais caseiros, pois, ao utilizar o termo “todos” podemos englobar os familiares, a comunidade e a escola, ou seja, todas as pessoas que convivem com pessoas surdas não usuária da Libras.

Em relação ao conceito, a autora deixa evidente que os sinais caseiros podem ser considerados língua por pertencer à mesma modalidade da língua de sinais, ou seja, a visual. A autora Vilhalva (2009, p. 18), que utiliza o termo “sinais emergentes”, corrobora com essa hipótese de pertencer à mesma modalidade. Conforme já mencionamos, ela faz referência ao primeiro artigo da Lei nº 10.426/02, que reconhece em seus termos outros recursos associados à Libras, podendo considerar como exemplo os sinais caseiros. Entretanto, os sinais caseiros não são associados a Libras. Eles têm um funcionamento independente. Portanto, para a pesquisadora, os sinais emergentes que também são conhecidos como sinais caseiros referem-

se a uma língua de sinais natural e em desenvolvimento usada em um espaço familiar e social. (VILHALVA, 2009).

A autora discursa no excerto 2, 3 e 4 como esta comunicação é convencionalizada no meio familiar e qual o sentido atribuído a estes sinais.

### **Excerto 2**

Os sinais caseiros emergem entre familiares de pessoas surdas e são convencionalizados entre eles (pais ouvintes e filhos surdos). Esses sinais apresentam um caráter emergencial, no sentido de que surgem em um estado de crise comunicativa em um contexto familiar em que pais ouvintes não conhecem a língua de sinais, nem a criança surda tem conhecimento da língua oral (nesse contexto, o português) de seus pais. Os sinais emergidos nessa situação são extremamente restritos em seu repertório vocabular e podem comunicar fatos somente no momento de sua ocorrência, tornando difícil relatar acontecimentos passados e/ou assuntos que envolvam níveis de abstração. Por essa razão as informações necessárias a constituição de uma consciência cultural e de uma identidade não chegam ao surdo. Mesmo havendo precariedade na comunicação, ao utilizar-se dos sinais caseiros a família possibilita ao surdo se constituir enquanto sujeito psíquico e sustentar sua relação com seus familiares. (ADRIANO, 2010, p. 34).

O Excerto 2 demonstra que os sinais caseiros são convencionalizados, pois o meio familiar chega a uma convenção entre eles, atribuindo ao mesmo uma significação. Em seguida, a autora expõe que a significação dos Sinais Caseiros possa atingir apenas ao concreto. Esse mesmo pensamento é compartilhado no estudo de Goldfeld (2002, p. 59) que, os surdos nestas condições só conseguem expressar e compreender assuntos do “aqui e agora”. Para falar sobre situações passadas, lugares diferentes e, principalmente, sobre assuntos abstratos são quase impossível. Por isso, os assuntos relacionados à identidade e cultura, principalmente a surda, os surdos que não conhecem a Libras não têm acesso.

Essa afirmação de Adriano (2010) ratifica o pensamento de Santana e Bergamo (2005) sobre a ideia de que somente através da aquisição da Língua de Sinais é possível ter ciência da sua própria identidade e cultura, conferindo à língua padronizada a capacidade de ser a única capaz de oferecer subsídios que lhe possibilite constituir-se sujeito surdo.

Contudo, apesar de Adriano (2010) afirmar que os sinais caseiros apresentam precariedade na comunicação, ela acentua que o surdo se constitui enquanto sujeito psíquico, ou seja, sujeito que aprende, embora essa relação e comunicação se limitem ao círculo familiar. A autora esclarece a iconicidade destes sinais no excerto 3:

### **Excerto 3**



Esses sinais podem ser icônicos ou não, isto vai depender do ambiente em que a família está inserida, isto é, da representação viso-manual de suas experiências. Por exemplo, se forem pescadores, os sinais caseiros que emergem podem ser relacionados aos frutos do mar, areia, barraca e outros; numa família da zona rural, eles podem ser relacionados a boi, vaca, leite e assim por diante. Isto também acontece com familiares de surdos que moram na zona urbana, cujo filho e/ou os pais não tiveram contato com a comunidade surda utente da língua de sinais oficial. (ADRIANO, 2010, p. 34).

No excerto 3 a autora descreve que os sinais caseiros podem ser ou não icônicos, pois para criar um sinal, o surdo escolhe uma representação do meio em que vive, baseados na iconicidade e motivados pelo ambiente. Este pensamento coaduna com Tervoort (1981) referenciado por Santana (2007). Para Tervoort (1981) a seleção que representa o objeto é estimulada pela interpretabilidade de um indivíduo ou de um grupo, ou seja, do meio familiar e onde os mesmos então inseridos. Isso explica o fato do ambiente influenciar na escolha do sinal que será compartilhado entre o meio familiar. Destaca ainda que:

#### **Excerto 4**

Os gestos, como dito anteriormente, ganham estrutura a partir da relação de iconicidade com o ambiente da experiência dos sujeitos surdos, de seu uso compartilhado e de sua convencionalidade. Por serem compartilhados e convencionados em um pequeno grupo social (familiares e vizinhos) ganham *status* de sinais caseiros, sua forma de representação pode apresentar diferenças e semelhanças de uma família para outra em um mesmo contexto situacional. (ADRIANO, 2010, p. 38).

O excerto 4, aponta que os sinais caseiros só ganham um *status*, depois de convencionalizados. A autora expõe uma provocação interessante ao afirmar que as representações podem diferenciar ou conter semelhanças nos sinais criados pelas famílias e surdos. Santana (2007, p. 86) acredita que é a partir do momento em que a mãe confere sentido ao gesto do filho que esse (gesto) adquire um estatuto diferenciado “ele significa não só para a criança que o faz, mas também para o interlocutor, que o interpreta. Isso ocorre tanto com os gestos da mãe quanto com os da criança”.

Por isso, apesar das vivências e culturas diferentes, é possível que ocorra a utilização de sinais similares porque estes são motivados pela iconicidade e pelos ambientes. Arrisco dizer que os contextos referentes às questões concretas do cotidiano são as que mais apresentam semelhanças na criação dos sinais produzidos por diferentes surdos. Não obstante, a semelhança de sinais caseiros, não significa uma padronização de sinalização para além daquela comunidade específica (família). É importante destacar que, apesar de constatar o mesmo sinal em diferentes ambientes familiares, na maioria das vezes, eles possuem significados diferentes (VILHALVA, 2010).

Destarte, as similaridades e até mesmo o uso de sinais iguais por diferentes surdos e familiares são provocações que carecem de estudos mais profundos. A dissertação de Adriano (2010) não responde e nem teve o objetivo de debruçar sobre esta questão.

## **Dissertação 2**

A dissertação de Barretos (2016) que elaborou “A situação de comunicação dos akwê-xerente surdos”. Descreve como acontece a comunicação dos surdos da comunidade indígena que não tem contato com a Língua Brasileira de Sinais. O autor apresenta provocações importantes sobre os sinais utilizados pelos índios, e, por isso, ao longo de seu trabalho ratifica o uso do termo Sinais Akwê e, da não utilização do termo sinais caseiros, conforme apresenta o Excerto 5.

### **Excerto 5**

Os sinais e gestos, bem como outras construções simbólicas criadas e utilizadas primeiramente pelas famílias Akwê, são recursos de comunicação mediados pela cultura materna e, portanto, são aqui concebidos não apenas enquanto “sinais caseiros”, mas como Sinais Akwê de Comunicação cultural. (...) Portanto, o fato de serem considerados Sinais Akwê se justifica pelo entendimento de que o enunciado não é dissociado das relações socioculturais que o suscitam. A família não compreende e representa o mundo dissociado da cultura em que está imersa, portanto, os significados dos sinais e gestos criados não tem nada de caseiro em si mesmo. Nessa perspectiva, os sinais utilizados pelas famílias Akwê para comunicação com os Surdos são criados considerando-se as maneiras próprias desse povo em significar e ressignificar constantemente o mundo, seus valores, seus quereres, seus sonhos bem como os saberes que estão disponíveis a todos nessa cultura. Assim, os sinais não são caseiros, são culturais. Considerando essa cultura específica, trata-se de Sinais Akwê. (BARRETOS, 2016, p. 74-75).

O excerto acima exemplifica bem os sinais criados por índios surdos e sua família. É interessante observar que o autor deixa claro que o termo “sinais caseiros” por si só não complementa o sistema lingüístico criados pelas famílias Akwê, pois, a cultura está enraizada em cada sujeito daquela comunidade. Desta maneira, os sinais vão muito mais além da comunicação básica. Existe um olhar cuidadoso em permanecer a cultura viva para poder garantir conhecimentos para as próximas gerações.

Vilhalva (2009) descreve que ao produzir sua metodologia surgiu o mesmo sentimento de respeitar a cultura, os costumes e o caráter da comunidade, pois esses pilares constituem a essência de sua língua. Por isso, a preferência de Barretos (2016) em utilizar a denominação Sinais Akwê é por considerar os sinais motivados pela cultura indígena. Nesse sentido, o autor diferencia, em uma atitude política e conceitual, sinais caseiros de sinais culturais.

Sobre a questão conceitual, é possível perceber ao longo do texto uma defesa do termo sinais relacionada às construções simbólicas do sujeito em sua relação social. Isso está explícito no Excerto 6:

#### Excerto 6

Os sinais e gestos, bem como outras **construções simbólicas** criadas e utilizadas primeiramente pelas famílias Akwê, são **recursos de comunicação mediados pela cultura materna [...]** Da mesma forma, a comunicação do Surdo, como **fenômeno de comunicação social**, é determinada por tais situações. (BARRETOS, 2016, p. 74-75, grifo nosso).

É possível identificar nos destaques alguns posicionamentos do autor sobre sua definição de sinais e estes nos permitem relacionar que a comunicação oriunda desses sinais possui estruturas para além de gestos. Embora o autor não diferencie em seu texto os conceitos de sinais e gestos, ele explora esses sentidos através da percepção dos professores frente aos usuários, ou seja, demarca os surdos que usam gestos, sinais e oralidade, de acordo com o excerto que segue.

#### Excerto 7

De acordo com a percepção dos professores Gilberto Xerente, Carmelita Krtidi e Nelson Prazé, os spokrêptõ são aqueles que não escutam bem ou não escutam nada; alguns se comunicam por gestos; outros se comunicam somente com a oralização **e, portanto, não utilizam sinais Akwê, pautando a comunicação com gestos**, mas não criando sinais específicos pelas famílias; há os que escutam um pouco e ainda os que falam alto demais. (BARRETOS, 2016, p. 76, grifo nosso).

Devido Barretos (2016) não abordar conceitos de gestos e sinais, não foi possível compreender se a diferença entre ambos está pautada num ideário de que os gestos podem evoluir em sinais, conforme Adriano (2010); ou se de fato os gestos se diferenciam conceitualmente dos sinais. Contudo, em suas reflexões, questiona sobre a existência desses sinais se configurar em língua, ou seja, na Língua de Sinais Akwê-Xerente, posto excerto 8.

#### Excerto 8

[...] como reflexão final a partir dessa etapa do estudo feito, ao evidenciar a presença de sinais Akwê, **indaga-se a respeito da existência de uma Língua de Sinais Akwê-Xerente.** (BARRETOS, 2016, p. 88, grifo nosso).

Assim, não identificamos ao longo das discussões menção que os sinais Akwê é uma língua, mas é importante pontuar que em suas reflexões finais o autor destaca o quanto esses

sinais permitem a interação comunicativa e, para além, propicia práticas culturais entre surdo-surdo e surdo-ouvinte dos povos Akwê-Xerente, podendo constituir-se em língua.

Em relação aos sentidos, podemos perceber no excerto que segue que há uma proeminência dos sinais no contexto familiar.

### **Excerto 9**

A comunicação entre Surdo-ouvinte em cada aldeia, nas atividades do dia a dia, acontece, na maioria das vezes, com mais intensidade, dentro da própria família, pois há ali uma criação de gestos e sinais de comunicação para serem utilizados primeiramente naquele contexto e que são pouco divulgados para a comunidade em geral. Essa realidade demonstra uma interação comunicativa entre os Surdos e os ouvintes, com o uso de sinais, mais restrito ao seio familiar. Por isso, é comum os professores Akwê relatarem que os Surdos se “comunicam” mais com os integrantes da própria família e que eles fazem uso, para esse fim, de sinais e gestos “caseiros”. (Barretos, 2016, p. 74)

Barretos (2016) expõe que os surdos possuem uma interação maior dentro do meio familiar. Vilhava (2009), que também analisou uma comunidade indígena, declara o mesmo posicionamento ao destacar, nem sempre, surdos de comunidades distintas fazem uso dos mesmos sinais. Às vezes, “somente a família compreende os sinais, que não são ensinados, mas sim incorporados conforme as necessidades do dia-a-dia” (VILHALVA, 2009, p. 15). As falas dos dois estudiosos de comunidade indígena deixam explícito que os índios surdos têm maior interação com seu seio familiar, o que não foge muito da realidade dos outros estudos com surdos que não conhecem a Libras.

No excerto 10 ainda descreve realidade sociolinguística na comunidade:

### **Excerto 10**

A realidade sociolinguística evidenciada com a pesquisa demonstra uma determinada forma de comunicação entre Surdos e ouvintes, bem como entre os próprios Surdos de aldeias diferentes, pelo fato daqueles sinais serem criados pelas famílias dos Surdos, sem que sejam socializados/convencionalizados e passem a ser utilizados pela comunidade. (BARRETOS, 2016, p. 75).

Conforme o excerto nota-se que a comunicação se diferencia tanto de sujeito ouvinte para o surdo como de surdo para surdo. Em razão dos sinais serem criados pelas suas famílias e socializados entre eles, ao encontrar surdos e ouvintes de outra comunidade o sinais não fará sentido, visto que, não foi a mesma sinalização atribuída na sua família. Então não se pode falar em uma Língua, ou em uma Língua com seus dialetos, já que as diferenças apontam para sistemas distintos. Barretos (2016) ao finalizar sua pesquisa, esclarece que as situações sociolinguística dos surdos evidenciaram também

### Excerto 11

1) durante a comunicação, criam-se inicialmente sinais para objetos, tais como cama, rede, mesa, cadeira e posteriormente são criados sinais que indicam ações, tais como pescar, comer, dormir, tomar banho, esperar, parar, andar, entre outros; 2) o toque também é usado pelos Akwê para chamar a atenção do outro e para a comunicação, tanto pela criança surda como para os ouvintes, já que fora do campo visual, a comunicação, muitas vezes, dependendo do grau da perda auditiva, torna-se algo impossível. Ou seja, na comunicação das crianças surdas, elas se valem de pistas sonoras, das percepções táteis e visuais para se apropriarem do que acontece ao seu redor, para solicitar a atenção dos demais e se expressarem. (Barretos, 2016, p. 75).

O excerto 11 demonstra que a situação linguística dos surdos Akwê, refere-se a algo mais concreto, que existe naquele espaço, ou seja, escolhe uma característica dos objetos para depois os que indicam ações. Refere-se também uma gama de informações a respeito de estratégias visuais, utilizando todas as formas naturais possíveis para que aconteça uma interação.

### Dissertação 3

A dissertação a seguir de Matos (2016) “Entre Gestos e Sinais: O contar história sem uso da voz”. Durante a leitura deparamos com os termos, “gestos”, “sinais caseiros” e “sinais emergentes” como sinônimos, ou seja, ora encontraremos a palavra “gesto” ora “sinais caseiros” para denominar e conceituar sinais criados no meio familiar. As escolhas da terminologia em seu trabalho são ilustradas nos excertos 12 e 13.

### Excerto 12

A Libras é um língua que também pode sofrer variações, pois como toda língua, ela é influenciada pela cultura local, contudo não existem dúvidas que os surdos carregam uma inteligência ao que lhe cerca, ao seu meio de comunicação, a sua invenção dos sinais, as mímicas, aos gestos que podem ser espontâneos ou criados para comunicação imediata e aos chamados “sinais caseiros” que são o meio mais utilizado para dialogar com a família. (MATOS, 2016, p. 27).

### Excerto 13

Os gestos são também chamados de “sinais caseiros” e “sinais emergentes” e se relacionam com a Libras. Os “sinais caseiros” e os “sinais emergentes” são considerados não convencionalizados, são uma espécie de variação do sinal; da Libras. Os sinais da Libras seriam convencionalizados – uma vez que estão registrados em dicionários e/ou enciclopédias ilustradas – e os gestos, em relação aos primeiros, não convencionalizados. (MATOS, 2016, p. 81).

Os excertos destacam que a Língua Brasileira de Sinais é uma língua que possui variações. Gesser (2006) afirma que as variações linguísticas surgem do próprio uso da língua

na comunicação dos surdos. Ainda destaca que o reconhecimento da Libras como língua padrão cria, ironicamente, tensões, conflitos e intimidações às demais línguas utilizadas pelos surdos, a saber, sinais caseiros, “variedades regionais, português sinalizado, comunicação simultânea e tantas outras formas comunicativas que surgem na interação surdo/ouvinte e surdo/surdo, apagando-se, portanto, a ideia de que os usuários são multilíngues em LIBRAS” (GESSER, 2006, p. 59).

Matos (2016) enfatiza que todos os outros usos de sinalização deveria oficialmente ser considerados variações da Libras. A autora emprega em seu trabalho os termos gestos, sinais caseiros e sinais emergentes como sinônimos. Outro exemplo pode ser identificado no excerto 14:

#### **Excerto 14**

Suponho que os gestos foram adquiridos por aqueles surdos que não adquiriram a L1 – a Libras em idade escolar ou, preferencialmente, por surdos de zonas rurais, isolados do contato com outros surdos da capital, sem convivência com a comunidade surda e sem oportunidades de estudar em escolas especializadas que adotem o ensino por meio da Libras. Por esse meio, sua relação sócio-histórica deve ser respeitada e isso os diferencia dos ouvintes em termos de vivência e comunicação e não de forma geral, pois repito: os gestos fazem parte da comunicação humana. Neste caso os gestos criados em casa na família, ou seja, os sinais caseiros, e os gestos espontâneos se entrelaçam para criar uma forma própria de comunicação. (MATOS, 2016, p. 40).

Conforme o Excerto 14, a autora utiliza no seu estudo a terminologia “gestos” para se referir aos “sinais caseiros” não apresentando diferenciação entre os termos. No entanto, ela também aponta que o gesto é inerente à comunicação humana, ou seja, o gesto espontâneo discriminando-o do gesto/sinal caseiro.

Destaca ainda que os surdos que vivem isolados e sem contato com a comunidade surda acaba usado “gestos” para sua comunicação. É importante salientar que o não uso da Libras por muitos surdos brasileiros decorre de um processo histórico e político resultante da determinação do congresso de Milão de 1880 conforme discutimos no capítulo 1.

Infelizmente o não acesso à Libras perdura ainda hoje, devido a não efetivação de políticas educacionais e linguísticas aos surdos. Em consequência, os pais ouvintes e filhos surdos, procuram uma forma própria de comunicação. Conforme explicitado nos excertos 12 e 13, esse meio de comunicação é conceituado pela autora como sinais caseiros, emergentes e gestos. Para ela:

#### **Excerto 15**

Os “sinais emergentes” e os “sinais caseiros” surgem devido à necessidade de comunicação entre sujeitos fora do ambiente familiar e são transferidos para parentes e surdos pertencentes a uma mesma comunidade. Essa comunidade pode ser escolar, entre professores e colegas ouvintes. Os surdos levam os gestos criados no seio familiar e desses é selecionado um gesto e assim este passa a ser utilizado para comunicação entre seus pares. (MATOS, 2016, p. 82).

O excerto acima expõe que os surdos que não conhecem a Libras, em comunicação com o outro, utilizam os sinais caseiros em todos os ambientes. Porém, é interessante refletir como o outro reage a estes “gestos”, principalmente quando a criança surda começa a frequentar a escola onde é usada a Língua Brasileira de Sinais. Kumada (2012) destaca que há um conflito linguístico centrado no campo da surdez ao apresentar semelhança com os contextos rurais onde a língua que a criança traz de casa, na maioria das vezes, não é valorizada, sendo apagada em detrimento da língua padrão ensinada pela escola. Na qual, “os sinais caseiros, aparentemente, são rejeitados pelos profissionais na tentativa de comunicação através de uma língua de sinais incompatível com a que o aluno surdo domina” (KUMADA, 2012, p. 62-63). A autora ainda afirma que

Após o contato com uma língua (considerada) “pura”, o surdo retorna ao contexto familiar onde, segundo a profissional: “*ele está acostumado com os gestos caseiros*”. Nota-se que a LIBRAS é adjetivada pela profissional surda como “*oficial*” e “*pura*”, posta a “*um nível de língua mesmo*”. Em contraposição, é possível conjecturar que a comunicação caseira seja vista como “*não-oficial*”, “*mestiça*” e “*inferior ao nível de língua*” (KUMADA, 2012, p. 112).

Contudo, é provável que mesmo adquirindo a Libras, o sujeito surdo, ao retornar para o grupo familiar, continua utilizando os sinais caseiros como meio primordial de comunicação, visto que, os mesmos já estão convencionalizados naquele ambiente. Matos (2016) explana o seu ponto de vista em relação ao sentido destes sinais formais e não formais para os surdos ao parafrasear o mito 4 de Bagno (2002, apud MATOS, 2016, p. 130) “As pessoas sem instruções falam tudo errado”:

### **Excerto 16**

[...] também poderia ser utilizado aqui para se contestar o discurso de que os surdos que falam usando gestos ou sinais caseiros falam errado, que essa forma de dizer não deve ser considerada. Pelo contrário, acreditamos que os gestos fazem parte da evolução da língua de sinais. A prova disso é a alta iconicidade presente em sinais convencionalizados nos dicionários. Por exemplo, é sabido que os sinais de animais postos nos dicionários são praticamente todos icônicos. (MATOS, 2016, p. 130).

O excerto 16 abre um leque discussões na área do preconceito linguístico com os sinais caseiros, uma reflexão feita também anteriormente no excerto 15. Este anseio é apresentado por Gesser (2006) ao relatar que alguns membros ouvintes da comunidade surda, ora se preocupa em expor as variedades linguísticas, pois mesmo sendo desvalorizadas, elas reiteram um feito nas línguas hegemônicas e isso desperta argumento para dar mais legalidade à língua de sinais, ora convém recusá-las e escondê-las, pois as variedades são vistas como línguas que contagiam o padrão.

Para Matos (2016) os gestos fazem parte do desenvolvimento da língua de sinais, diante disso uma solução seria considerar a heterogeneidade ou variedade de uso dos sinais caseiros nos ambientes habituais do surdo. Fator “determinante para isso é a consideração do contexto em que se utilizam os gestos e os sinais” (MATOS, 2016, p. 131).

#### **Dissertação 4**

Sumaio (2014) elaborou a dissertação intitulada “Sinalizando com os Terena: um estudo do uso da Libras e de sinais nativos por indígenas surdos”. Em seu contato com a comunidade Terena a autora preferiu a utilização do termo sinal terena para se referir aos sinais caseiros/emergentes explanado nos excertos 17 e 18.

#### **Excerto 17**

Convivendo com os terena surdos e suas famílias, em especial suas mães, conheci alguns de seus sinais. Esses sinais seriam chamados, talvez, de sinais caseiros ou sinais emergentes. Entretanto, neste trabalho usarei apenas o termo “sinal” e/ou “sinal terena”. (SUMAIO, 2014, p. 28).

#### **Excerto 18**

Por um lado os sinais são, de fato, ‘desenvolvidos, construídos’ em casa, pelos surdos, juntamente com seus familiares ouvintes e/ou outros surdos, o que faz deles sinais caseiros. Esses sinais também emergiram em algum momento, provenientes de situações diversas em que era necessário estabelecer comunicação, e provavelmente em um tempo não tão distante, o que faz deles, talvez, sinais emergentes. (SUMAIO, 2014, p. 28).

Apesar de conhecer os termos sinais caseiros ou emergentes, a autora se posiciona, em respeito à comunicação da comunidade surda indígena, em denominar essa comunicação de sinal ou sinal terena. Enfatiza que os sinais são desenvolvidos a partir da necessidade de se expressar e estabelecer comunicação, o que é inerente ao ser humano e, no caso dos surdos, “por terem um aprendizado extremamente visual, essa necessidade geralmente resulta numa língua de sinais, o que é o mais natural para eles” (SUMAIO, 2014, p. 70).



A escolha do termo sinais terena é justificada no decorrer de sua pesquisa em diversos fragmentos, a exemplo do excerto 19:

### **Excerto 19**

Entretanto, no caso dos sinais terena, acredito que eles possam e devam ser chamados assim, apenas de sinais ou sinais terena, porque ao que tudo indica, os sinais que coletei já não estão mais na fase inicial de serem construídos, desenvolvidos em casa e não estão emergindo agora mas já foram estabelecidos, fixados, padronizados por seus usuários, os surdos terena e pessoas próximas. Portanto, acredito que será mais apropriado chamar-lhes “sinais”, evitando, também, qualquer sentido pejorativo/preconceituoso que os adjetivos ‘emergente’ ou ‘caseiro’ podem carregar. Mesmo porque, apesar de os termos “sinal caseiro” e/ou “sinal emergente” explicitarem, sim, parte do que seus referentes significam, parece que não atingem a totalidade do significado desses referentes, que vem a ser, de fato, sinais. (SUMAIO, 2014, p. 29).

No excerto 19 a autora fundamenta a terminologia sinais terena por sua propagação não se restringir apenas ao meio familiar, mas sim por toda comunidade, ou seja, por haver uma convencionalização. Assim, ao escolher um sinal para depois se torna fixado, primeiro é criado por um meio (familiar) para depois espalhar e ser memorizado, tornando os sinais terenas conhecidos e normatizado na comunidade.

Gesser (2006) descreve que o sinal que será “padrão” para o grupo pode recair na variedade que já é mais familiar e/ou conhecida, ou até recair no sinal que avaliam mais simples de memorizar.

Sumaio (2014) também justifica a utilização do termo sinal terena por considerar seu *status* linguístico, ou seja, atenua que os sinais caseiros ou emergentes não abrangem uma totalidade de significados como os sinais encontrados na comunidade terena.

No excerto 20 conceitua os sinais terena e expõe como acontece a propagação dentro da comunidade.

### **Excerto 20**

Outras línguas não são faladas na comunidade, então resta-nos concluir que essa língua ou sistema de comunicação que permitiu a eles o pleno desenvolvimento de sua cognição e das habilidades a ela ligadas foram os sinais terena, sinais que a princípio eram caseiros, criados por eles e por suas famílias mas que com o tempo, com o contato entre esses surdos, de alguma maneira parece ter e continuar sendo padronizado com a continuidade do uso. (SUMAIO, 2014, p. 35).

O excerto acima demonstra que a autora identificou os sinais terena com o mesmo prestígio de uma língua ou sistema de comunicação e, a única falada na comunidade. Essa língua era restrita ao meio familiar e, ao logo do tempo, espalhou-se criando uma padronização na sinalização devido a sua utilização.

A autora destaca no excerto 21 o sentido de língua aos sinais terena pela sua constituição gramatical semelhante à estrutura das demais línguas sinalizadas.

### **Excerto 21**

Os sinais terena desenvolveram-se quando os surdos terena que os utilizam eram crianças, em fase de aquisição da linguagem, mais especificamente começando quando tinham seus 2, 3 anos de idade. Entretanto, os sinais que conhecemos e estudamos hoje parecem estar longe de ser apenas mímicas, sem qualquer sistema gramatical. Não são realizados com o corpo todo, como seria próprio de pantomimas, mas em geral apenas com as mãos e expressão facial. De acordo com o que presenciamos, essas expressões faciais são capazes de exprimir afirmação, negação, dúvida, ordem (uso do imperativo) e outras características presentes em línguas de sinais, e não simplesmente afeto. Pode ser que esse tipo de sinal, como se sabe pela literatura acerca da origem das línguas de sinais, possa originar uma língua de sinais de uma comunidade em particular e/ou de um país. (SUMAIO, 2014, p. 42).

Segundo o excerto, os sinais terenas possuem as características para considera como uma língua de sinais própria da comunidade. Conforme Sacks (1998) a língua de sinais recebeu reconhecimento linguístico, especialmente com os estudos do linguista americano William Stokoe, ao comprovar em 1960, que a Língua de Sinais atendia de fato a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína no léxico, na sintaxe e na competência de gerar uma infinidade de proposições. Seu estudo incidiu em demonstrar que as línguas de sinais possuem três parâmetros principais (localização, configuração de mão e movimento executado) análogos aos fonemas da fala (SACKS, 1998). Além desses parâmetros, no caso das Línguas de Sinais, as expressões faciais exercem um papel fundamental na comunicação, pois se apresentam para além das expressões afetivas, ou seja, possuem função gramatical. Para Quadros, Pizzio e Rezende (2008, p. 3)

As primeiras são utilizadas para expressar sentimentos (alegria, tristeza, raiva, angústia, entre outros) e podem ou não ocorrer simultaneamente com um ou mais itens lexicais. Conforme dito anteriormente, não são exclusivas das línguas de sinais. Nas línguas faladas, as pessoas também expressam suas emoções por meio de expressões faciais. Já as expressões gramaticais, estão relacionadas a certas estruturas específicas, tanto no nível da morfologia quando no nível da sintaxe e são obrigatórias nas línguas de sinais em contextos determinados.

Para Sumaio (2014), essas características também estão presentes nos “sinais terena”, considerando uma língua de sinais por possuir aspectos linguísticos. A autora ao finalizar sua pesquisa ainda destaca que a língua é um produto social da faculdade de linguagem “e, destaque-se, um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos, então, podemos perceber a partir dessa

constatação uma evidência de que os sinais terena constituem uma língua” (SUMAIO, 2014, p. 100).

Destarte, a dissertação de Sumaio (2014), análogo aos estudos de Barretos (2016), estudou a comunicação dos surdos indígenas e ambas destacam, de modo geral, a estreita relação entre língua e sociedade. Se a sociedade e o governo “não despertam para a importância de se respeitar as línguas, as variedades e diferenças linguísticas, fica difícil a situação linguística no país, principalmente para as minorias, como surdos e índios” (SUMAIO, 2014, p. 40).

Essas análises das dissertações comprovam que a Libras, Língua oficial das comunidades surdas brasileiras, ainda não é conhecida em todas as esferas da sociedade. Logo, o reconhecimento das línguas de sinais caseiras como língua ou mesmo como linguagem torna-se, nesse contexto, uma discussão ainda mais delicada e, talvez, seja por esse motivo que encontramos tanta oposição no que concerne ao termo, conceito e sentido.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema desse trabalho foi desafiador e desvanecido durante minha trajetória nas disciplinas curriculares, mas suscitado mediante o projeto de pesquisa AnAliSi, o qual, motivou-me para que esta pesquisa tornasse concreta. Destarte, é de suma importância os projetos de pesquisa dentro da universidade para que o aluno cada dia se motive por algo novo, ou seja, o ato de investigar o que ainda não foi lhe apresentado.

No intuito de descrever algumas conclusões, me aterei, a princípio, aos objetivos e a perguntas de pesquisa. Em seguida, apresento algumas considerações ao estudo desenvolvido.

Assim, no capítulo introdutório, foi necessário enfatizarmos a necessidade de comunicação do ser humano e, quais as estratégias utilizadas pelas crianças surdas que não conhecem a Libras. Além de mencionar que essas táticas (sinais caseiros) só acontecem devido ao atraso da propagação da Língua Brasileira de Sinais, afirmamos através das leituras e diálogos que sinais caseiros surgem da necessidade vital do sujeito e está presente no meio familiar até nos dias atuais.

Em seguida, tentamos através de uma revisão de literatura esclarecer os termos e conceitos utilizados para os sinais caseiros, buscando subsídios teóricos em estudos que já foram realizados por diferentes autores da área da surdez. Identificado os termos, foi possível encontrar uma diversidade de terminologias que ora se converteram e ora se distanciaram. Dos quatro trabalhos encontrados, duas dissertações utilizaram o termo sinais caseiros e suas variações como gesto e as outras duas utilizaram o nome das comunidades de fala, a saber, sinal Akwẽ e sinal Terena.

Assim, este estudo evidenciou as formas diferentes que cada autor trata à temática e, como descrevem a sua visão das experiências dos surdos dentro do meio familiar. Na primeira análise, referente ao trabalho de Adriano (2010), ela defendeu os sinais caseiros como língua. Já no segundo trabalho, Barretos (2016) fez uma consideração sobre os sinais não serem caseiros e sim culturais. Na terceira análise, Matos (2016) expõe os sinais caseiros como uma variação da Libras, além de descrever a importância de respeitar a comunicação caseira, principalmente quando a criança surda inicia seu processo escolar, onde a Libras é o meio primordial na comunicação.

Por fim, na análise do trabalho de Sumaio (2014), ela defende a terminologia sinais terena por sua propagação não se restringir apenas ao meio familiar, mas sim por toda comunidade, considera os sinais terenas ao *status* de língua de sinais da comunidade por possuir todos os aspectos linguísticos encontrados na Libras.

Desta forma, é imprescindível dar sentido aos sinais caseiros, sem menosprezá-los, visto que apesar de restrito e de utilização informal, a comunicação caseira tem sua funcionalidade seja dentro do meio familiar ou dentro da comunidade. Isto posto, as dissertações explicitaram vários sentidos aos sinais, seja limitados, seja de língua natural e que fazem parte do desenvolvimento da língua de sinais.

Assim, os dados analisados têm nos motivado a uma reflexão: ainda que os surdos não conheçam a Libras nem o português, eles se inserem desde a infância no mundo da linguagem, que é formada pela língua oral falada pela mãe e os sinais criados (sinais caseiros). E é através esta imersão que possibilita seu desenvolvimento cognitivo.

Corroborando com Vilhalva (2009), é de suma importância que a escola valorize a diversidade linguística e cultural que a criança surda traz de casa, partindo dela para o ensino da Libras e do português. Pois, mesmo que a Libras e o Português escrito seja aprendido tardiamente, os sinais caseiros permanecem vivos no seio familiar e em comunidades externas. Contudo, salientamos a importância do conhecimento e acesso à Libras para o desenvolvimento pleno, social, linguístico e cultural dos surdos.

Destarte, espero que esta investigação, “estado da arte”, possa contribuir para um olhar cuidadoso nos próximos estudos, bem como direcionar os próximos pesquisadores na área da surdez sobre esse tema que possui poucos materiais. Além de possibilitar maior contato com os surdos e ouvintes, pois os surdos são sujeitos com autonomia, sonhos, desejos e possuem sua própria língua, seja ela Libras ou sinais caseiros, se assim o surdo entender como sua Língua materna.

Diante disso outras investigações se fazem indispensáveis, tais como: Os sinais caseiros podem ser considerados como língua? Essa e outras perguntas ficam em aberto para futuros trabalhos. É importante salientar que há poucos autores que abordam o tema, o que dificultou e limitou a coleta de informações bibliográficas, tornando evidente uma carência de discussões nessa área específica.

## REFERÊNCIAS

- ADRIANO, N. A. **Sinais caseiros**: uma exploração de aspectos linguísticos. Dissertação. Florianópolis, SC, 2010.
- BARRETOS, Euder Arrais. **A situação de comunicação dos akwẽ-xerente surdos**. (Dissertação) Goiânia, 2016.
- DALCIN, G. **Um estranho no ninho**: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo. In.: \_\_\_\_\_ QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006, p. 186-215.
- DAL-FARRA, Rossano André; LOPES, Paulo Tadeu Campos. **Métodos mistos de pesquisa em educação**: pressupostos teóricos. Revista Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 24, n. 3, p. 67-80, set./dez. 2013.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Educação & Sociedade, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.
- FIORENTINI, Dario; LORENZATO, Sérgio. **Investigação em educação matemática**: percurso teórico e metodológico. Campinas: Autores Associados, 2006.
- GESSER, A. **Um olho no professor e outro na caneta**: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. Tese. Campinas: Unicamp, 2006.
- GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2ª edição, São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- KUMADA, Kate Mamhy Oliveira. **“No começo ele não tem língua nenhuma, ele não fala, ele não tem libras, né?”**: Representações sobre línguas de sinais caseiras. Dissertação. Campinas: Unicamp, 2012.
- LODI, Ana Claudia Balieiro. **Plurilingüismo e surdez**: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, set./dez. 2005
- MATOS, Pâmela do Socorro da Silva. **Entre Gestos e Sinais**: O contar história sem uso da voz (Dissertação). Belém-PA, 2016.
- NADER, Júlia Maria Vieira; NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. **Aquisição tardia de linguagem e desenvolvimento cognitivo do surdo**. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, p. 929-943, mai-ago 2011.
- OLIVEIRA, Laralis Nunes de Sousa; SILVA, Gisele Oliveira da. **Libras, Cultura e Identidade**. Natal: IFRN, 2014.
- PALANCH, Wagner Barbosa de Lima. **Mapeamento de pesquisas sobre currículos de matemática na educação básica Brasileira (1987 a 2012)**. Tese. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP: São Paulo, 2016.

PEREZ, Luana Castro Alves. **Funções da linguagem**. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/funcoes-linguagem-1.htm>>. Acesso em: 04 de Abril de 2018.

QUADROS, Ronice Muller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, 2009.

QUADROS, Ronice Muller; PIZZIO, Aline Lemos. **Aquisição da Língua de Sinais**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, 2011.

REILY, Lucia. **O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos**. Rev. Bras. Educ, vol.12, n. 35, p. 308-326, 2007.

ROSA, F.S; GOES, A.M.; KARNOPP, L.B. **Estudos surdos: uma abordagem lingüística**. Revista de Iniciação Científica da ULBRA – n.3, 2004.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: Uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1998.

SANTOS, Emmanuelle Felix dos. **O ensino de libras na formação do professor: um estudo de caso nas licenciaturas da Universidade Estadual de Feira de Santana**. Dissertação. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015. 210 f.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem. Aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SILVA, Vilmar. **Educação de surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do congresso de Milão em 1880**. In: \_\_\_\_\_ QUADROS, Ronice Müller de (Org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006, p. 15-35

SILVA, P. B. A.; ZANOLLI, L. M.; PEREIRA, C. C. M. **Surdez: relato de mães frente ao diagnóstico**. Estudos de Psicologia. São Paulo, v. 13, p. 175-183, 2008.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca P. **Alfabetização**. Brasília-DF: MEC/Inep/Comped, 2000. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)> Acesso em 27 de dezembro de 2017.

SOUSA, Rachel Cassiano de. **Reações e expectativas de mães em relação à surdez de seus filhos**. Disponível em: <<http://www.uece.br/mpsca/index.php/arquivos/docdownload/289rachelcassianodesousa>> Acesso em 10 em Agosto de 2018.

SOUZA, R. B.; SEGALA, R. R. **A perspectiva social na emergência das Línguas de Sinais: a noção de comunidade de fala e idioleto segundo o modelo teórico laboviano**. In: \_\_\_\_\_ QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. (Orgs.). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro Sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

SUMAIO, Priscilla Alyne. **SINALIZANDO COM OS TERENA**: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos. Dissertação. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, 2014.

VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes**: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul. (Dissertação). Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92972>>. Acesso em 12 de Setembro de 2018.

WITKOSKI, Sílvia Andreis; BAIBICH-FARIA, Tânia Maria. **A importância da Língua de Sinais para as pessoas surdas na construção de uma linguagem plena e genuína**. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 10, n. 3, p. 338-344, set-dez 2010.

ZAJAC, Silvana. **Questões sobre o ensino de língua portuguesa para surdo**: um novo olhar, novas perspectivas. Tese. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP: São Paulo, 2011.